

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FERNANDA TEIXEIRA AVELAR

A PRAGMÁTICA DOS *EMOJIS* NA COMUNICAÇÃO DIGITAL

BELO HORIZONTE

2018

FERNANDA TEIXEIRA AVELAR

A PRAGMÁTICA DOS *EMOJIS* NA COMUNICAÇÃO DIGITAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: 1C - Estudos da Língua em Uso.

Orientadora: Professora Doutora Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira.

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2018

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

A948p Avelar, Fernanda Teixeira.  
A pragmática dos *emojis* na comunicação digital [manuscrito] /  
Fernanda Teixeira Avelar. – 2018.  
103 f., enc.; il. color, p&b, tabs,  
Orientadora: Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira.  
Area de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.  
Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Letras. |  
Bibliografia: f. 86-90.  
Anexos: f. 90-103.

1. Atos de fala (Linguística) – Teses. 2. Emoções – Teses. 3.  
Comunicação – Aspectos psicológicos – Teses. 4. Interação social  
– Teses. 5. Análise de conversação – Teses. I. Oliveira, Ana  
Larissa Adorno Marciotto. II. Universidade Federal de Minas  
Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 410



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**A pragmática dos emojis na comunicação digital**

**FERNANDA TEIXEIRA AVELAR**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos da Língua em Uso.

Aprovada em 28 de junho de 2018, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira - Orientadora  
UFMG

  
Prof(a). Marisa Mendonça Carneiro  
UFMG

  
Prof(a). Cláudia Márcio do Carmo  
UFSJ

Belo Horizonte, 28 de junho de 2018.

## AGRADECIMENTOS

Acredito que a linguística seria uma ferramenta que, apesar de poderosa, se tornaria insuficiente para o propósito de expressar todas as emoções que me rodearam durante esse caminho. À minha filha, obrigada pelo companheirismo incondicional, principalmente durante as madrugadas de trabalho, nas quais o sono se transformava em brincadeiras na cama ao meu lado, enquanto a mamãe escrevia. Aos meus pais, por sempre me incentivarem a ser esforçada, estudar muito e correr atrás de todos os meus sonhos e por me deixarem a herança mais valiosa que um ser humano poderia ter, o estudo. À Cláudia, que participa diariamente da minha vida e cuida do que eu tenho de mais precioso, minha filha, enquanto a mamãe trabalha e estuda. À minha orientadora e aos meus amigos orientandos, que me ofereceram mais do que o suporte necessário durante esse período, me ofereceram um ombro amigo nos momentos em que eu mais precisava.

*à minha orientadora, meus colegas orientandos  
e amigos, que me deram forças quando eu já não  
as tinha mais.*

“When new demands are made in language,  
it changes in response to that” (Halliday, 1985: 82)

## RESUMO

Partindo da noção de que a Comunicação Digital (CD) apresenta características híbridas, da modalidade escrita e da modalidade oral, esta pesquisa analisa os *emojis*, pictogramas que podem representar sentimentos, ideias, entidades, estados ou eventos (EVANS, 2015). O referencial teórico que fundamentou o estudo partiu dos estudos ligados à Polidez (BROWN E LEVINSON 1978/1987) e o Trabalho de face (GOFFMAN 2011)). O objetivo central do estudo foi investigar o potencial pragmático-discursivo dos *emojis* para além de expressões de emoções. Objetivou-se, também, verificar como os *emojis* podem contribuir para que o falante (ou usuário) comunique o que pretende com aquilo que digita. Para isso, as seguintes perguntas foram formuladas: Como os *emojis* contribuem para mitigar ou para intensificar a força ilocucionária dos atos de fala aos quais se ligam? Mais especificamente, como eles contribuem para preservar a face dos interactantes? Os dados foram coletados por meio de trechos de interações retiradas de um grupo de *Whatsapp* com o consentimento de todos os participantes do mesmo. Os resultados apontam para o fato de que os *emojis* funcionam não só como elementos atrelados às emoções, como também são capazes de expressar um tipo de intenção do falante (ou usuário) (DRESNER; HERRING 2010), ou seja, eles ultrapassam a comunicação de estados emotivos na CD.

**Palavras-chave:** Comunicação Digital, *Emojis*, Atos de Fala, Polidez, Trabalho de Face, Pares adjacentes.

## ABSTRACT

Taking into account the idea that Digital Communication (DC) presents hybrid characteristics, from written and oral modalities, the research analyzes the *emojis*, picture characters that may represent feelings, ideas, entities, states or events (EVANS 2015). The theoretical background of the study relies on the Theory of Politeness (BROWN AND LEVINSON 1978/1987) and the Theory of Face Work (GOFFMAN 2011). The research aimed at investigating the pragmatic- discursive potential of *emojis*, which is beyond mere expressions of emotions. It also aimed at verifying how the *emojis* contribute to the speaker's (or user's) communication of his intentions by means of what is typed. In order to do so, the following questions were listed: How *emojis* contribute to mitigate or intensify the illocutionary force of the speech acts they connect to? More specifically, how do they contribute to the face saving of the interactor who makes use of it?

Data was collected through excerpts of interactions taken from a Whatsapp group with the consent of its members. The results corroborate the fact that not only do *emojis* work as elements attached to emotions, but they are also capable of expressing some intention of the speaker (or user) (DRESNER; HERRING 2010), in other words, they go beyond the mere communication of emotive states in DC.

**Key-words:** Digital communication, *Emojis*, Speech Acts, Politeness, Face Work, Adjacent Pairs.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 .....	25
Figura 2 .....	27
Figura 3 .....	31
Figura 4 .....	49
Figura 5 .....	51
Figura 6 .....	66
Figura 7 .....	68
Figura 8 .....	70
Figura 9 .....	71
Figura 10 .....	73
Figura 11 .....	75
Figura 12 .....	76
Figura 13 .....	78
Figura 14 .....	80

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1.....	15
Tabela 2 .....	19/20/21
Tabela 3 .....	29

## LISTA DE ABREVIÇÕES

WPP- Whatsapp

CD- Comunicação digital

FTA- Atos ameaçadores de face

A- Atos

## TABELA DE CONTEÚDOS

1. Introdução .....	12.
1.1. Emojis X Emoticons .....	24.
2. Referencial Teórico .....	33.
2.1. Sobre a Função Pragmático- discursiva dos <i>emojis</i> .....	33.
2.2. Teoria da Polidez e o Trabalho de Face .....	41.
2.3. Trabalho de Face .....	43.
2.3.1. Estratégias de Preservação de Face: Face Positiva e Negativa... ..	48.
2.3.2 Atos Ameaçadores de Face (FTA) .....	52.
2.4. Pares de Adjacência .....	57.
3. Metodologia.....	61.
4. Análise de dados.....	64.
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82.
REFERÊNCIAS.....	84.
ANEXO A- Termo de consentimento livre e esclarecido .....	89.

## 1. INTRODUÇÃO

A comunicação digital (CD) se firma, cada vez mais, como uma nova modalidade de linguagem, de característica híbrida e representa uma combinação de propriedades que têm trazido à tona recursos linguísticos novos, próprios do meio digital. Entre esses recursos podemos citar os *emojis*, analisados nesse trabalho, juntamente com recursos originados da linguagem verbal em suas modalidades escrita e oral. Os *emojis* podem ser considerados elementos híbridos, já que possuem características oscilantes no *continuum* entre oralidade e escrita, reflexo de duas características importantes da CD: o hibridismo e a multimodalidade. Nesse sentido, o estudo de Crystal (2010), discutido a seguir, será utilizado como um dos pontos de partida para esse trabalho, uma vez que ele trata do hibridismo da CD.

Os *emojis* são pictogramas que podem representar sentimentos, ideias, entidades, estados ou eventos (EVANS, 2015). Historicamente, os primeiros *emojis* surgiram no final dos anos 90, no Japão, para uso em celulares com acesso à internet. Em 2009, o *California-based Unicode Consortium*, responsável pela elaboração dos padrões internacionais de comunicação digital, sancionou 722 *emojis*. Eles se tornaram disponíveis aos criadores de *softwares* e, a partir de 2010, o fenômeno mundial teve início.

Atualmente, há cerca de 1.200 *emojis* que passaram a ser considerados pelo UNICODE e se tornaram disponíveis para uso no mundo. Os *emojis* evoluíram junto com a CD e parecem ter adquirido características que os tornam capazes de substituir palavras e sentenças para quem sabe, se tornar uma língua própria. Portanto, o interesse acerca deles e, conseqüentemente, da CD tem crescido entre

pesquisadores, que encontram muitos desafios para analisá-los, conforme apontado por Crystal (2010).

O primeiro fator que concretiza o desafio em estudar a comunicação digital é a inexistência de um corpus com dados empíricos suficientes para pesquisa. O segundo fator é a diversidade de modos de comunicação e seus domínios existentes dentro da comunicação digital, uma vez que, além dos textos da Internet, existem também os chats, blogs, mensagens instantâneas, mensagens de texto e a comunicação que se realiza nas redes sociais (*Facebook, Instagram* e aplicativos de bate papo como o *Whatsapp*). Cada um desses domínios possui perspectivas, propriedades, estratégias e expectativas de usuários diferentes. Um terceiro fator que contribui para esse desafio é a velocidade de mudança à qual a CD está suscetível. Aplicativos e redes sociais são lançados a todo instante e a impressão é de que, no momento em que são publicados, os estudos linguísticos acerca da CD já se encontram desatualizados. Um último desafio é a dificuldade de acesso dos linguistas a domínios particulares, como e-mails e espaços de mensagens instantâneas, por questões de privacidade.

Esses obstáculos fazem da CD um campo a ser descoberto e uma das maneiras encontradas de se explorar um pouco mais essa área foi estudar as propriedades dela em comparação com as modalidades de linguagem verbal já existentes. Essas modalidades da linguagem verbal são: a escrita, a oralidade e a língua de sinais (esta última, não é foco deste estudo). Essa comparação da modalidade escrita e oral é feita, de maneira clara, por Crystal (2010, tabela 1, pág. 233) e a tabela 1 ilustra essas diferenças.

Como se pode observar na Tabela 1, o que torna a comunicação digital muito particular é que, apesar de suas propriedades não serem idênticas às propriedades da escrita nem do discurso oral, ela permeia as duas modalidades. Portanto, até que ponto as propriedades da CD se replicam nesses dois meios e a comunicação digital se estabelece como um novo domínio ou como desenvolvimento de algum dos domínios já existentes são dúvidas ainda recorrentes. Neste estudo, o hibridismo da comunicação digital será discutido por meio da análise dos *emojis*, em trocas comunicativas *online*, uma vez que esse hibridismo aponta para o fato de que os *emojis* suprem, no meio digital, algumas lacunas da comunicação escrita, que é normalmente mais formal e menos dependente do contexto imediato.

**Tabela 1-** Comparação entre o discurso e a escrita

<b>Oralidade</b>	<b>Escrita</b>
<p><b>1. Vinculada ao tempo</b> A oralidade é inculada ao tempo, dinâmica, transiente. É parte de uma interação cujos participantes estão geralmente presentes e o falante tem um ou vários destinatários (interlocutores) em mente.</p>	<p><b>1. Vinculada ao espaço</b> A escrita é vinculada ao espaço, estática e permanente. É o resultado de uma situação na qual o escritor está geralmente distante do leitor e não sabe quem será o leitor.</p>
<p><b>2. Espontânea</b> Não existe atraso entre produção e recepção, a não ser que um desses seja deliberadamente iniciado pelo destinatário. A espontaneidade e velocidade em trocas orais tornam difícil um planejamento avançado. A pressão para pensar durante a fala promove construções soltas, repetições, rephraseamentos e comentários do geralmente não são claros.</p>	<p><b>2. Elaborado</b> Existe sempre um atraso entre produção e recepção. Os escritores têm que antecipar seus efeitos, assim como os problemas que podem haver no fato de terem sua escrita lida e interpretada por vários destinatários e em diversos cenários. A escrita permite a leitura repetida e análise e promove o desenvolvimento de uma organização cuidadosa e expressão compacta, o que geralmente torna a estrutura da sentença complexa. Unidades de discurso (sentenças, parágrafos) são fáceis de identificar através de pontuação e formatação.</p>
<p><b>3. Presencial</b> Uma vez que os participantes estão presentes, eles podem confiar em pistas extralinguísticas como expressões faciais e gestos para acrescentar significado (<i>feedback</i>). O léxico é frequentemente vago e usa palavras que se referem diretamente a situação (expressões dêiticas como <i>aquele, aqui e agora</i>).</p>	<p><b>3. Visualmente descontextualizado</b> A falta de contato visual significa que os participantes não podem confiar no contexto para construir um significado claro, não existe um <i>feedback</i> imediato.</p>

Fonte: Crystal (2006, p. 28).

<p><b>4. Livremente estruturado</b> Muitas palavras e construções (especialmente as informais) são características do discurso oral, como as abreviações. Longas orações coordenadas são comuns e complexas. Há vocabulário sem sentido, obscenidade e gírias.</p>	<p><b>4. Elaboradamente estruturado</b> Algumas palavras e construções são características da escrita, como várias subordinações na mesma sentença, padrões sintáticos elaborados e longas sentenças usadas em documentos legais. Certos elementos nunca são usados no discurso oral, como nomes longos e nomes de elementos químicos.</p>
<p><b>5. Socialmente interativo</b> O discurso oral é apropriado para funções fáticas e sociais, como passar o tempo ou qualquer outra situação em que o discurso casual e não planejado é desejável. Ele também é apropriado para expressar relações sociais e atitudes pessoais, pelo alcance de nuances que podem ser expressadas pela prosódia e acompanhadas de elementos não-verbais.</p>	<p><b>5. Factualmente comunicativo</b> A escrita é apropriada para o registro de dados e a comunicação de idéias e para tarefas de memória e aprendizagem. Registros escritos são fáceis de manter e consultar, tabelas demonstram relações entre coisas, notas e listas auxiliam a mnemônica e os textos podem ser lidos na velocidade que mais se adequa ao aprendizado individual.</p>
<p><b>6. Imediatamente revisável</b> Há uma oportunidade de repensar uma locução enquanto a outra pessoa está ouvindo (começar novamente, acrescentar uma qualificação). No entanto, erros, uma vez cometidos, não podem ser retirados; o falante deve arcar com as consequências. Interrupções e sobreposições são normais e audíveis o suficiente.</p>	<p><b>6. Repetidamente revisável</b> Erros e outras inadequações perceptíveis na nossa escrita podem ser eliminados em rascunhos sem que o leitor perceba. Interrupções, se ocorreram durante a escrita, também são invisíveis no produto final.</p>
<p><b>7. Prosodicamente rica</b> Características únicas da oralidade estão incluídas na prosódia. As muitas nuances de entonação, ritmos, pausas e outros tons de voz não podem ser escritos com muita eficiência.</p>	<p><b>7. Graficamente rica</b> Características únicas da escrita vários aspectos de pontuação. Somente algumas poucas convenções estão relacionadas a prosódia, como pontos de interrogação e itálico. Muitos gêneros escritos (por exemplo, gráficos, calendários) não podem ser lidos alto eficientemente, mas têm que ser assimilados visualmente.</p>

Fonte: Crystal (2006, p. 28).

Ainda com referência à Tabela 1, em termos gerais, a linguagem oral é dinâmica, enquanto a linguagem escrita tende a ser mais estática. A primeira tem mais espaço para a espontaneidade e para a vaguidão, uma vez que não existe atraso (*lag*) entre produção e recepção. A segunda é mais elaborada. Na escrita,

erros são passíveis de revisão e há riqueza gráfica, enquanto, no discurso oral, erros não são revisáveis e há riqueza prosódica. Além disso, a Tabela 1 também mostra que, como o discurso oral ocorre face-a-face, ele engloba o uso de recursos extralinguísticos (entonação, linguagem corporal, etc.) que ajudam a expressar o significado desejado e, em contrapartida, o discurso escrito não oferece em seu contexto imediato recursos desse tipo.

Essa última diferença descrita (a possibilidade de se usar recursos extralinguísticos no discurso oral e não no escrito) é foco desse trabalho, que leva em conta os *emojis* como recursos utilizados na comunicação digital para suprir sua “aridez”, ou seja, a ausência de elementos da interação face-a-face (entonação, linguagem corporal, etc.) na CD. Em concordância com essa ideia, Paiva (2016) afirmou que:

O que podemos observar na interação mediada pela tecnologia é que ela nos permite afirmar que novos comportamentos discursivos também emergem a partir da inter-interação entre as experiências, a interação social, os mecanismos cognitivos, os propiciamentos e as restrições tecnológicas. Um exemplo disso é o uso crescente da multimodalidade. A interação sempre foi multimodal. Usamos palavras, entonação, expressões faciais e gestos para interagir com os outros. (PAIVA, 2016, p. 380)

Kress (2010), também citado por Paiva (2017), afirma que “os gestos estão presentes em todas as culturas, mesmo que em formas bastante diferentes” (KRESS, 2010, p. 5). Segundo Evans (2015), parte da comunicação humana é não-verbal. Por essa razão, usamos gestos, expressões faciais e movimentos corporais a todo momento em nossas interações face-a-face. Na CD, o rico contexto comunicativo da interação face-a-face é praticamente inexistente. Ainda de acordo com Evans (2015), 65% a 70% do significado social vem de pistas não verbais e

isso inclui o uso de elementos paralinguísticos. A paralinguagem refere-se a tudo aquilo que usamos na linguagem oral para dar-lhe o significado que desejamos, por exemplo, a linguagem corporal e a entonação (elementos extralinguísticos).


No ambiente digital, a paralinguagem se fez possível principalmente por meio de uma biblioteca de figuras prontas, chamadas de *emojis*. *Emojis* são representações visuais de sentimentos, idéias, entidades, status ou evento (EVANS, 2015). Eles são utilizados em um meio que é destituído de elementos extralinguísticos presentes em interações face-a-face. Atualmente, estudos apontam para o fato de que os *emojis* possam ir além de representações de emoções (uso originalmente atribuído aos *emojis*) e também indicar a intenção comunicativa de seu usuário, como veremos a seguir.

De acordo com Dresner; Herring (2010), os *emojis* funcionam não só como elementos ligados à expressão emotiva, como também são capazes de expressar o tipo de ato de fala prevalente na interação, bem como seu respectivo ato ilocucionário, ou seja, a intenção central dos interactantes ao usarem a CD. Como muito da nossa expressão emocional vem diretamente das nossas expressões faciais, na CD, em razão da insuficiência de elementos não verbais, os *emojis* emergem na forma de *carinhas amarelas*, ou seja, carinhas que expressam emoções (EVANS, 2017). A esse respeito, a Tabela 2, a seguir, apresenta *emojis*, com expressões faciais emotivas.













Tabela 2- Expressões faciais com *emojis*

	Carinha sorridente com olhos de coração		Carinha desiludida, mas aliviada
	Carinha mandando beijo		Carinha surpreendida
	Carinha beijoqueira		Boca com zíper
	Carinha beijoqueira com olhos sorridentes		Carinha com boca aberta
	Carinha beijoqueira com olhos fechados		Carinha atordoada
	Carinha sorridente		Carinha cansada
	Carinha levemente sorridente		Carinha sonolenta
	Carinha com abraço		Carinha aliviada
	Carinha pensativa		Carinha nerd
	Carinha neutra		Carinha com língua de fora
	Carinha sem expressão		Carinha com língua de fora e piscando o olho
	Carinha sem boca		Carinha com língua de fora e olhos apertados
	Carinha com olhos virados		Carinha babando
	Carinha descontente com ar malicioso		Carinha descontente
	Carinha apática		Carinha com suor frio

Fonte: Evans (2017).

	Carinha pensativa		Carinha desolada
	Carinha confusa		Carinha perplexa com boca aberta
	Carinha de cabeça para baixo		Carinha apática
	Carinha com boca de dinheiro		Carinha fazendo careta
	Carinha surpreendida		Carinha com boca aberta e suor frio
	Carinha franzida		Carinha congelada de medo
	Carinha preocupada		Carinha corada
	Carinha consternada		Carinha atordoada
	Carinha reflexiva		Carinha zangada
	Carinha desolada		Carinha de mentiroso
	Carinha triunfante		Carinha com termômetro de febre
	Carinha chorona		Carinha enojada
	Carinha deitada em lágrimas		Carinha com nariz escorrendo
	Carinha perplexa com boca aberta		Carinha sorridente com chifres

Fonte: Evans (2017).

	Carinha risonha com boca aberta		Carinha sorridente com boca aberta e suor frio
	Carinha risonha com olhos sorridentes		Carinha risonha com boca aberta e olhos fechados
	Carinha com lágrimas de alegria		Carinha com olho piscando
	Carinha rolando no chão de rir		Carinha sorridente
	Carinha sorridente		Carinha comendo algo delicioso
	Carinha sorridente com olhos sorridentes		Carinha com óculos de sol

Fonte: Evans (2017).

A rápida adoção dos *emojis em escala global*, inicialmente criados na década de 80 para diferenciar mensagens com tom sério e de brincadeiras, tem levantado questões acerca da natureza mutável e do status da língua na CD. Segundo Evans (2015), mais de 80 % das pessoas que usam o meio digital utilizam o *emoji* como recurso para a comunicação. Nesse contexto, muitos especialistas têm dado destaque aos *emojis* na CD. O *Oxford Dictionary* elegeu o *emoji face with tears of joy*<sup>1</sup> (😂) como a palavra do ano de 2015. No mesmo ano, o primeiro caso de suposta ofensa terrorista com o uso de *emojis* ocorreu em Nova Iorque. Um adolescente foi preso porque postou *emojis* de armas apontadas para policiais no *Facebook*.

O potencial comunicativo dos *emojis*, segundo Evans (2015), provém do fato de que eles possuem a mesma habilidade interativo interpessoal que uma língua. O valor comunicativo de uma língua se origina em sua habilidade de afetar o estado

<sup>1</sup>Carinha com lágrimas de alegria

mental, pensamentos, sentimentos, desejos e até o comportamento dos outros. Os *emojis*, portanto, têm esse mesmo poder expressivo.

Este trabalho parte do princípio de que os *emojis* possam ser usados como termos que exprimem atitude e postura, ou *hedges*, em concordância com a intenção dos interactantes ao digitar, servindo como um “apoio” à CD no sentido de explicitar as intenções dos interactantes e ao mesmo tempo, fazê-lo ser melhor compreendido, uma vez que o meio digital é um meio árido, destituído de outros recursos que desempenhem esses papéis.

Esses fatos aqui apresentados e o contexto histórico dos *emojis*, descrito adiante, mostram a força comunicativa que os *emojis* desenvolveram, para além do seu uso original. Suas funções discursivas são capazes de revelar as emoções, as atitudes e as intenções de seus interactantes e assim guiar a interpretação dos leitores. Essa capacidade discursiva, combinada às características do meio em que o *emoji* é utilizado (redes sociais e em aplicativo de mensagens instantâneas), facilita seu uso atrelado a um estilo mais casual e informal, no qual abreviações e *emojis* (menor explicitação linguística) encontram um espaço mais propício para ocorrerem (SCOTT, 2015). Dessa maneira, é também importante para este estudo a noção de que grande parte do significado de uma mensagem depende da interpretação que os interlocutores conseguem depreender dela, por meio do cálculo de seu significado. Assim, de acordo com a Teoria da Relevância, um enunciado não é mais do que uma “indicação esquemática” (WILSON; SPERBER, 2012, p. 13) do significado intencional do falante. Assim, quanto mais indireto (ou atenuado) esse significado central estiver, mais trabalho inferencial o interlocutor poderá ter para interpretá-lo. A construção de contexto interacional é, assim, um processo inferencial

também (WILSON; SPERBER, 2012). Portanto, acreditamos que a CD dependa fortemente da capacidade do interlocutor de preencher as lacunas de informação, quando necessário.

Diante do que foi exposto até aqui, o objetivo central deste estudo é investigar o potencial pragmático-discursivo dos *emojis*, que pode ir além do fato de expressarem emoções. A intenção aqui é verificar como os *emojis* eles podem contribuir para que o falante (ou usuário) possa comunicar o que pretende com aquilo que digita. Para isso, as seguintes perguntas foram formuladas: Como os *emojis* contribuem para mitigar ou intensificar a força ilocucionária dos atos de fala aos quais se ligam? Mais especificamente, como os *emojis* contribuem para preservar a face dos interactantes, atuando como estratégias de polidez?

Essas perguntas serão respondidas partindo da noção central apresentada por Dresner; Herring (2010). De acordo com os autores, os *emojis* funcionam não só como elementos atrelados às emoções, como também são capazes de expressar (ou de intensificar) a força ilocucionária dos atos de fala aos quais se ligam.

Nessa perspectiva conversacional, a habilidade comunicativa dos *emojis* vai ser descrita e demonstrada no decorrer deste trabalho da seguinte maneira: na seção 1.1, será apresentado o contexto histórico da origem dos *emoticons* e sua evolução para se tornarem hoje o que conhecemos como *emojis*, usados não só para preencher a ausência de recursos extralinguísticos ausentes no meio digital, mas também como uma estratégia linguística de preservação de face.

Do ponto de vista teórico-metodológico, serão abordados, principalmente, os conceitos ligados à Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1965) e à Teoria da Polidez (BROWN; LEVINSON, 1978/1987) Dando continuidade, na seção

2será explicitado o processo de desenvolvimento inicial desta pesquisa, cujas categorias de análise ocorreram por meio de *threads*<sup>2</sup> de interações contendo *emojis*. Essas interações foram coletadas em um grupo de *Whatsapp*, mediante consentimento prévio. Na seção 5, os *emojis* serão analisados dentro do contexto das interações (*threads*) para, na seção 6, as conclusões serem apresentadas.

Na seção seguinte, partindo de um panorama histórico da origem dos *emojis*, para então chegar e seu papel como estratégia linguística de Polidez e de Preservação de Face no meio digital.

### 1.1. *Emojis* x *Emoticons*

A trajetória dos *emojis* começou, nos anos 80, como ícones digitais de emoção, que evoluíram para se tornar hoje símbolos coloridos (carinhas amarelas piscando, sorrindo, corações, etc.), incorporados como imagens únicas de personagens ou glifos, nos nossos teclados digitais. Atualmente, os *emojis* são, possivelmente, a primeira forma universal de comunicação do mundo (EVANS, 2017) e a comunicação digital se tornou praticamente impossível de ser realizada sem os mesmos, talvez pelo fato de eles se portarem como representações visuais de sentimentos, ideias, entidade, *status* ou evento em um ambiente que por natureza é destituído desse recurso (visual) e de outros, presentes em interações face-a-face.

Foi com essa intenção de representar brincadeiras, que um professor americano criou o primeiro ícone de emoção ou *emoticon* (*Emotion* + *icon*) em uma

---

<sup>2</sup>Enredo- Significado de *thread* de acordo com o dicionário *bab.la*. Disponível em: <https://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/thread>

plataforma *online* rudimentar no ano de 1982. O professor de física Scott Fahlman sugeriu aos seus alunos da plataforma o uso dos seguintes *emoticons* - :) e :( - para diferenciar o que era sério do que era piada, uma vez que a plataforma não permitia o uso de nenhum outro recurso e por causa disso, um comentário que de início era uma brincadeira, acabou gerando complicações na instituição onde ele trabalhava.

Figura 1- Mensagem que deu origem ao primeiro *emoticon* (smile)

```
19-Sep-82 11:44 Scott E Fahlman :-)
From: Scott E Fahlman <Fahlman at Cmu-20c>

I propose that the following character sequence for
joke markers:

:-)

Read it sideways. Actually, it is probably more
economical to mark things that are NOT jokes, given
current trends. For this, use

:-(_
```

Mensagem que deu origem ao Smiley (Foto: Divulgação/Carnegie Mellon University)

Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/07/entenda-diferenca-entre-smiley-emoticon-e-emoji.html>

A criação dos *emoticons* foi necessária depois de um dos alunos da universidade de Carnegie Mellon, nos EUA, lançar um problema a ser resolvido pelos colegas, que dizia o seguinte: “Um elevador tem uma vela acesa presa na parede e uma gota de mercúrio do chão. O cabo do elevador se rompe e ele cai. O que acontece com a vela e o mercúrio?”<sup>3</sup>. Outro colega respondeu com uma

<sup>3</sup>Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/07/entenda-diferenca-entre-smiley-emoticon-e-emoji.html>

mensagem em tom de brincadeira, que dizia: “ATENÇÃO! Devido a um experimento de física recente, o elevador mais à esquerda está contaminado com mercúrio. Há também um dano superficial causado por fogo. A descontaminação deve ser concluída até 8h de sexta-feira.”<sup>4</sup>

A resposta foi irônica, mas muitos levaram a sério e a repercussão foi grande. Após o acontecimento, o professor propôs os símbolos tipográficos- : ) e : ( para evitar interpretações errôneas. Eles tornaram-se popular na Carnegie Mellon e logo se espalharam por outras universidades e empresas conectadas à ARPANet, rede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos que precedeu à Internet atual.

Os *emojis* (e- imagem + *moji*- personagem), são uma evolução dos símbolos tipográficos, ou *emoticons*. Criados por Shigetaka Kurita (que trabalhava para a NTT DoComo) em meados dos anos 90, eles agrupam os símbolos originalmente considerados *emoticons*. Kurita trabalhava no projeto *i-mode*, que tornava disponível serviços como previsão do tempo, notícias e e-mail. Algum tempo depois, ele se tornou a primeira plataforma de Internet móvel conhecida mundialmente.

Mas, ao usá-lo, Kurita percebeu que era difícil identificar informações como “ensolarado” ou “chuvoso” sem as imagens para representar. Foi com essa experiência como usuário que o executivo financeiro da DoComo resolveu retornar com os *emojis*, que já haviam sido lançados antes, mas sem sucesso.

---

<sup>4</sup>Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/07/entenda-diferenca-entre-smiley-emoticon-e-emoji.html>



combinações, sequências que produzem *emojis* de casais e famílias e ao que tudo indica, esse número, disponível em 2016, continuará a crescer.

Além dos números expressivos, a própria expansão do significado dos *emojis*, que passaram de simples marcadores de expressões faciais para uma biblioteca de símbolos tipográficos que representam além dessas expressões, o clima, objetos, etc., pode nos dar um importante sinal do rápido crescimento do uso deles. Segundo Evans (2017), existem várias maneiras através das quais podemos mensurar o crescimento estratosférico dos *emojis*.

Um deles é o rápido índice de adoção dos *smartphones* - um celular “inteligente”, definido como um telefone sem fio com capacidade de internet móvel. *Smartphones* estão entre os primeiros aparelhos que implementaram os teclados eletrônicos com *emojis* configurados como padrão. Hoje, quase um quarto da população mundial possui um *smartphone*; fato baseado em uma pesquisa de hábitos de computação móvel em 41 países, estima-se que há 2 bilhões de *smartphones* no mundo, dado que continua crescendo.

Evans (2017) afirma que em 2016, 3,2 bilhões de pessoas (aproximadamente, metade da população mundial) tinham acesso regular à Internet e 75% dos usuários de Internet acessavam a mesma, via *smartphones*. Em termos desse tipo de aparelho eletrônico, em 2015, 41,5 bilhões de mensagens estavam sendo enviadas diariamente; e entre aplicações de mídias sociais, a cada dia, mais de 6 bilhões de *emojis* são trocados. A Tabela 3 apresenta o índice de adoção de *smartphones* pelas 25 nações que são as usuárias mais ávidas desse tipo de tecnologia.

Tabela 3- Classificação dos países de acordo com usuários de *smartphones*

**Top 25 Countries, Ranked by Smartphone Users,  
2015 - 2020**

millions

	2015	2016	2017	2018	2019	2020
1. China*	512.6	552.2	593.4	643.6	690.9	732.5
2. India	184.0	223.6	267.1	305.9	347.5	381.5
3. US**	190.5	207.2	219.8	229.2	236.8	241.5
4. Indonesia	55.4	65.2	74.9	83.5	92.0	99.7
5. Brazil	55.4	63.9	71.7	78.9	84.5	89.1
6. Russia	53.8	60.2	66.5	70.6	73.3	75.2
7. Japan	51.8	55.8	58.9	60.9	62.6	64.2
8. Mexico	43.7	52.8	59.8	64.6	68.0	69.9
9. Germany	42.3	46.9	50.8	53.5	54.7	55.8
10. UK**	38.0	41.0	43.6	45.3	46.7	47.9
11. Vietnam	27.2	36.5	43.7	49.5	54.5	58.4
12. France	31.2	35.0	38.1	40.2	41.8	43.2
13. South Korea	33.6	34.6	35.6	36.5	37.0	37.5
14. Turkey	28.7	33.8	38.3	41.3	43.8	45.7
15. Italy	28.1	30.9	32.9	34.8	35.4	35.9
16. Spain	26.0	28.8	31.4	33.3	34.8	35.7
17. Philippines	24.6	28.6	31.8	34.9	37.4	39.9
18. Thailand	23.7	27.4	30.0	32.1	33.9	35.1
19. Canada	20.4	22.3	23.8	24.8	25.6	26.2
20. Egypt	18.2	21.0	23.6	25.8	27.9	30.1
21. Colombia	16.9	19.0	20.9	22.7	24.4	26.0
22. South Africa	14.9	17.9	20.7	23.0	24.9	26.9
23. Taiwan	16.4	17.2	17.8	18.3	18.6	18.8
25. Nigeria	14.5	17.0	19.7	22.5	25.5	28.6
25. Poland	14.6	16.8	19.0	20.4	21.4	22.2
<b>Worldwide</b>	<b>1,893.4</b>	<b>2,133.8</b>	<b>2,354.9</b>	<b>2,556.4</b>	<b>2,738.9</b>	<b>2,895.4</b>

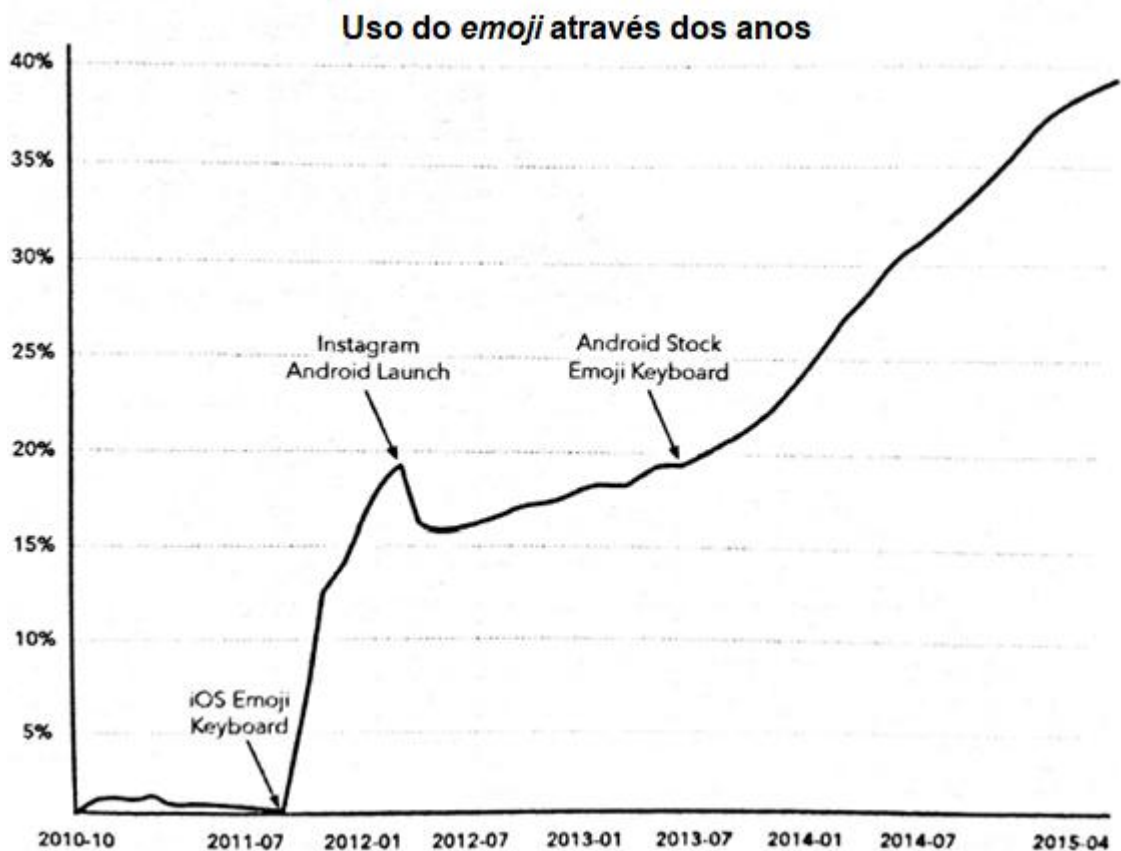
Evans (2017, p. 23).

Ainda de acordo com Evans (2017), outro fator que mostra a grande aceitação dos *emojis* decorre de suas aplicações variadas na mídia social. O *Instagram*, por exemplo, plataforma popular de compartilhamento de vídeo e fotos, fundado em 2010, tem mais de 300 milhões de usuários ativos e esse número continua a crescer, compartilhando mais 70 milhões de fotos e vídeos todo dia.

No *Instagram*, o uso de *emojis* é bastante frequente, conforme descrito por Lima Vasconcelos (2017), em seu estudo sobre *emojis* e seu papel na organização das trocas comunicativas via *Instagram*:

No *Instagram*, existem duas modalidades de linguagem: verbal Escrita (subtítulo) e não-verbal (emoji e a [s] foto [s] postada). O conteúdo verbal está sujeito à disponibilidade de espaço e, ao contrário da fala, é planejada, em vez de espontânea, pois há um atraso entre produção e recepção. (LIMA VASCONCELOS, 2017, p. 18)

Ainda sobre o uso de *emojis*, no final de 2014, um quinto da população de usuários de internet no mundo, com idade entre 16 e 64, tinha uma conta de *Instagram*. No primeiro mês após o lançamento dos *emojis* do teclado iOS, a adoção deles em textos e legendas de fotos pulou de 0 para 10 por cento. Posteriormente, isso acelerou com a incorporação dos *emojis* nas plataformas de *Android*. Em março de 2015, quase metade de todos os textos das postagens no *Instagram* continham *emojis*. A Figura 3 ilustra essa tendência.

Figura 3- Uso do *emojino* Instagram

Evans (2017, p. 24).

A partir do que mostram a Tabela 3 e a Figura 3, podemos concluir que os *emojis* atualmente possuem abrangência mundial e pode ser que isso se deva, principalmente ao fato de suprirem os recursos extralinguísticos na CD. Todavia, eles não podem ser redutíveis a elementos extralinguísticos, ou à expressão de emoções. O que propomos aqui é que os *emojis* possam ir além, operando como elementos de ordem pragmática importantes para as interações nas quais se inserem.

Conforme já anunciado nas seções 1 e 2, esta pesquisa tem como enfoqueo fato de que os *emojis* não são somente usados como expressões emotivas, mas também podem ser usados como indicadores da força ilocucionária das trocas comunicativas das quais eles fazem parte. Nesse sentido, esses usos não contribuem para o conteúdo proposicional (a locução) em si, nem são eles apenas uma expressão de comunicação extralingüística, ou indicativa de emoção. O que pretendemos discutir aqui então, é como os *emojis* podem contribuir para que os interactantes possam comunicar sentidos na CD.

Nessa perspectiva, este estudo parte do princípio de que os *emojis* possam ser usados como *hedges* (termos que expressam postura e atitude) em concordância com a intenção dos interactantes ao digitar, servindo como um “apoio” à CD. Os *hedges*, nesse caso, podem ajudar a demonstrar as intenções dos interactantes e, ao mesmo tempo, podem servir como estratégia para a maior/ou mais rápida identificação do ato de fala em foco pelo interlocutor, oferecendo, assim, “pistas contextuais”(DRESNER;HERRING, 2010).

Passaremos agora para o quadro teórico no qual esta pesquisa se insere, ligado à Teoria da Polidez e a Teoria dos Atos de Fala, mais especificamente.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. Sobre a Função Pragmático-Discursiva dos *Emojis*

Na análise de *emojis*, a função pragmático-discursiva que eles desempenham é bastante saliente. No entanto, alguns autores também se ocuparam da descrição da sintaxe desses elementos. Com relação às funções sintáticas dos *emojis*, segundo Paiva (2016), eles são usados:

- a. No final de uma sentença e funcionam como pontuação, como exclamação.

OMFG YESSSSSSS 🙌 apparently Twitter are going to change to tweet limit to 10,000 characters 🐦 IM SO HAPPY RN #Twitter10k

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8647400>

- b. São inseridos entre pensamentos complexos.

..existisse um botão "Notificar a tua mãe"? 😂  
Melhor ideia do que o #Twitter10k ou..?

Disponível em :

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8647400>>

- c. Seguem uma ordem linear de tempo de ações.

Twitter wanting to extend the character limit is like telling our kids they can talk on the phone as much as they want to. 🤖📱 #Twitter10k

Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8647400>>

- d. O posicionamento ou atitude aparece antes do fato.



Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8647400>>

Com respeito às funções discursivas, Paiva (2016) também cita que eles são usados para:

## a. Substituir palavras.

Twitter: What Do You Want?  
Me: An Edit Button  
Twitter: I'll Give you something Else  
Me: What?  
Twitter: WRITE STORIES IT'S #Twitter10k.  
Me: 😞

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8647400>

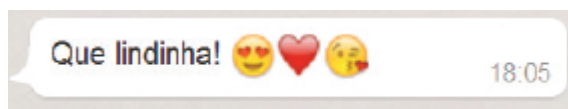
## b. Expressar emoção.

#AfterTheNovemberElection we may all be able to write essays on Twitter about how we feel about it 🙌 Noooooooooooooo! #Twitter10k

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8647400>

## c. Indicar afeto.



Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8647400>

d. Função de intensificador.

Would be annoying if ppl will post a 10k character tweet!!  
SAY NO to #Twitter10k 😡😡

Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8647400>>

e. Expressar ironia.

I guess we can start submitting our papers and essays by tweeting them to our professor's hashtag, yeah? 😏 #Twitter10k

Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8647400>>

Ainda sobre o aspecto pragmático- discursivo, os *emojis* oferecem 'pistas contextuais' na interação digital, contribuindo para reforçar os sentidos que se pretende comunicar na CD.

Como sabemos, o contexto de uso é o objeto de estudo da Pragmática. Diante disso, Stalnaker (1982) propõe a seguinte noção relacionada aos objetivos da análise pragmática: a sintaxe e a semântica de uma língua levam a interpretação de uma sentença, juntamente com traços específicos do contexto de uso e com a noção de *mundo possível*, acrescentando às sentenças valores de verdade.

Desse modo, os contextos determinam o valor de verdade daquilo que foi expresso em uma dada sentença. No campo da Pragmática, os valores de verdade dependem do contexto e parte deste contexto representa o *mundo possível* (STALNAKER, 1982), no qual a sentença é enunciada, ou produzida.

Nesse aspecto, importa, ainda, notar o que Pinto (2004) observa sobre a análise de elementos de ordem pragmático-discursiva. De acordo com Pinto (2004), a Pragmática analisa, de um lado, o uso concreto da linguagem, com vistas a seus interactantes e usuários, na prática linguística; e, de outro lado, estuda as condições que governam essa prática.

Diante disso, é possível observar que o contexto imediato é importante para a análise pragmática, pois é nele que se desfazem as ambiguidades, ou que os sentidos são negociados. Neste estudo, que trata de interações com *emojis* na CD, a Teoria dos Atos de Fala de Austin (1962), a Teoria de Polidez de Brown e Levinson (1978, 1987) e a Teoria do Trabalho de Face de Goffman (2011) serviram como fundamento teórico básico.

Segundo Levinson (2007), a Teoria dos Atos de Fala tem sido de grande interesse não só dos linguistas, mas também dos psicólogos, dos antropólogos, dos críticos literários, dos filósofos dentre outros. Os linguistas, em particular, mostram a aplicabilidade da teoria dos atos de fala na sintaxe, na semântica, na pragmática, bem como na aprendizagem de outras línguas.

Levinson (2007) defende que Austin é um dos filósofos que merecem destaque, porque começou a questionar a visão de linguagem que colocava as condições de verdade como centrais (ou únicas) para a compreensão da linguagem. Para os positivistas lógicos, na década de 1930, para que um enunciado fosse

dotado de sentido, deveria ser verdadeiro ou falso, quer dizer, deveria ser submetido à prova de verificação (testado quanto à sua verdade ou falsidade), ou comprovado pela sua correspondência ao estado de coisas a que se refere.

Para Austin (1962), os enunciados não precisam ser necessariamente verdadeiros ou falsos, porque há uma distinção entre enunciados (*utterances*), que afirmam algo, e enunciados que não exatamente afirmam (ou declaram), mas que realizam determinadas ações. Os primeiros são proposições (*statements*), que constata determinad os fatos ou estado de coisas. Já com respeito aos segundos, não podemos verificar se são verdadeiros ou falsos, pois elas não declaram, mas sim, realizam um ato. Isso ocorre com os verbos performativos, por exemplo, em: “Eu o declaro culpado” (AUSTIN, 1962, p. 62), que o ato de fala muda realiza uma ação e interfere na realidade dos fatos.

Nesse sentido, Austin (1962) identifica três sentidos básicos pelos quais, ao ‘dizermos alguma coisa’, ‘fazemos alguma coisa’. Essas ações são chamadas de *Atos de Fala*. O autor faz uma observação essencial de que, quando alguém produz uma elocução, este alguém pode realizar 3 tipos de atos simultâneos: locucionário, ilocucionário e perlocucionário, ou seja, por meio desses 3 atos, ao dizermos alguma coisa, também fazemos alguma coisa.

Um ato locucionário, conforme revisitado por Dresner e Herring (2016), é a produção básica de uma expressão linguística, com uma estrutura sintática pronta e um significado literal.

Atos ilocucionários são também ações propositais, feitas através da produção da locução - o discurso produzido pelo falante. Assim, ao produzir uma locução, o falante também pode produzir uma asserção, uma interrogação, uma promessa,

uma ameaça, uma súplica, uma exigência. Os atos ilocucionários foram usados por Austin (1962) para ilustrar o fato de que os falantes agem através das palavras, podendo, por meio delas, também mudar a própria realidade.

Um ato perlocucionário é uma ação realizada através de uma locução, cuja identidade depende não somente das intenções do falante, mas também do efeito da elocução na sua audiência. Persuadir, por exemplo, é um ato perlocucionário, a medida em que o falante tiver sucesso ao fazê-lo. Ao contrário de prometer e de ameaçar, uma pessoa não pode persuadir alguém simplesmente por decidir, ou por produzir fala. É necessário identificar a ação, ou o efeito, causado no interlocutor.

A análise dos atos ilocucionários realizados por meio de locuções (também chamados de força ilocucionária dessas locuções) foi apresentada também por Searle (1979). Searle (1979) descreve as *condições de felicidade* que precisam ser atingidas para que um ato de fala seja bem-sucedido. Alguns atos de fala requerem conteúdo proposicional de um certo tipo, por exemplo, ninguém pode prometer o que está fora de seu controle. Isso ocorre porque a 'felicidade' dos Atos de Fala depende de regras convencionais, que tornam possíveis a sua execução em uma certa cultura, sociedade e situação comunicativa. Essas convenções podem ser traduzidas em algumas perguntas, por exemplo:

-Quem prometeu algo tinha condições de fazer isso?

-Quem declarou uma criança batizada estava instituído desse atributo discricionário?

-Quem faz um pedido indireto está em situação de ser atendido?

Outras convenções sociais necessárias para um ato de fala ser bem-sucedido são: uma pessoa não pode casar outras duas anunciando que eles são marido e esposa, por exemplo, a menos que esta ocupe um papel institucional e o cenário seja um no qual um ato como esse possa ser legitimamente realizado.

Searle (1979) e Bach; Harnish(1979) também organizaram categorias de atos ilocucionários, com suas respectivas taxonomias.

A taxonomia proposta por Searle (1979) inclui 5 categorias:

- atos ilocucionários assertivos (e.x., declarações),
- atos comissivos (e.x., promessas),
- atos diretivos (e.x., comandos),
- atos expressivos (e.x., confissões de emoções) e
- atos declarativos (e.x., batizados).

A taxonomia dos atos de fala (SEARLE, 1979) será usada na análise de dados deste estudo, bem como será identificada a força ilocucionária presente nesses atos (AUSTIN, 1962), no momento em que o falante/autor da mensagem usa um *emoji*. Esse aspecto poderá ser melhor detalhado na seção a seguir, onde a Teoria da Polidez e o Trabalho de Face serão melhor discutidas, já que representam papel importante para a projeção de imagens na CD, na qual os *emojis* analisados neste trabalho atuam.

## 2.2. A Teoria da Polidez e o Trabalho de Face

De acordo com Richards; Schmidts (2002, p. 405), a *polidez* pode ser definida da seguinte maneira: a) como a língua expressa a distância social entre interactantes e seus diferentes papéis nas relações; b) como o trabalho de face, isto é, a tentativa de estabelecer, manter e salvar a face em uma interação é realizado em um discurso de uma comunidade. De uma maneira geral, os estudos acerca da noção de polidez têm definido o termo como uma estratégia de evitação de conflito, ou como uma estratégia de construção de interação social cooperativa (WATTS, 2003).

A visão de Scollon; Scollon (1995) também leva em consideração as relações sociais na formação do conceito de polidez, assim como a de Richards; Schmidts (2002). Scollon; Scollon (1995) se baseiam, principalmente, na diferença de poder e/ou na distância social entre os interlocutores e postulam sistemas interacionais que operam nesse sentido. Esses sistemas são descritos por Scollon; Scollon (1995) como: (a) o sistema polidez de deferência; (b) o sistema solidário de polidez e (c) o sistema hierárquico de polidez (cf. OLIVEIRA; CUNHA; MIRANDA, 2017).

No sistema de polidez de deferência, os participantes são considerados iguais, ou quase iguais, mas tratam uns aos outros com certa distância social (por exemplo, colegas de trabalho). No sistema de polidez solidária, os participantes não identificam praticamente nenhuma diferença de poder profunda, ou de distância social entre eles (por exemplo, amigos, membros da família). No sistema hierárquico de polidez, os participantes tendem a usar diferentes estratégias de polidez para

serem aceitos, uma vez que a distância social é predominante.

Nessa pesquisa, o foco será em descrever o sistema de polidez solidária, uma vez que os dados usados serão provenientes de interações entre um grupo de amigos ocorridas em meio digital, mais especificamente um aplicativo de comunicação *online*, o *Whatsapp*. Como se poderá observar adiante, nos exemplos analisados neste estudo, entre os pares adjacentes mais frequentemente identificados encontra-se o par convite-recusa/ pedido de desculpa.

Na Teoria de Polidez de Brown; Levinson(1978,1987), o pedido de desculpa consiste em recurso de polidez que expressa a atenção em relação aos desejos do ouvinte. Dessa forma, o pedido de desculpa por si só prejudica a face do falante. Assim sendo, as escolhas feitas na interação devem centrar-se também nos desejos do falante, ligados à restauração da sua imagem. Esse tipo de interação envolve, portanto, um entrelaçamento de estratégias que visam à manutenção de ambas as faces.

Na perspectiva da Teoria dos Atos de Fala, Holmes (1990) define o pedido de desculpas de maneira ampla, levando em consideração a função como critério fundamental: “Uma desculpa é um ato de fala referente às necessidades da face de B com a intenção de remediar uma ofensa pela qual A assumi responsabilidade e assim restaurar o equilíbrio entre A e B (A é quem se desculpa e B é a pessoa ofendida)”<sup>5</sup> (HOLMES, 1990, p.159)

Neste estudo, a posição que os interactantes tomam, com o propósito de solucionar o impasse e de restabelecer o equilíbrio na interação, é denominado, por

---

<sup>5</sup>An apology is a speech act adressed to B's face- needs and intended to remedy an offense for which A takes responsibility and thus to restore equilibrium between A and B (where A is the apologizer; and B is the person offended)

Meier1995), Trabalho de Reparação (*RepairWork*) que “funciona para remediar qualquer dano causado a imagem de um ator no estabelecimento de uma conexão de responsabilidade entre um ator e o comportamento que não corresponde ao padrão esperado, relativo a um grupo de referência em particular”<sup>6</sup>. (MEIER, 1995, p. 381). O autor ainda acrescenta que “O Trabalho de Reparação é portanto uma tentativa para mostrar que o falante é ‘uma pessoa boa’ (apesar de ter violado uma norma social) e pode ser invocado a voltar a agir, no futuro”<sup>7</sup>Essas reparações são reforçadas, nos dados aqui propostos, pelo uso de *emojis*, como se verá adiante.

Na perspectiva da Teoria da Polidez, Fraser (1990) apresenta quatro tipos de estratégias de polidez: a norma- social, a máxima interacional, o contrato interacional e a preservação de face. A polidez como norma social pode ser observada quando as ações do indivíduo estão de acordo com padrões comportamentais e modo de pensar de uma sociedade. Como máxima conversacional, polidez seria transmitir a informação desejada com eficiência. Já a polidez como contrato interacional significa agir de acordo com os termos vigentes e condições do contrato conversacional estabelecido (cada lado possui uma visão inicial acerca dos direitos e deveres que vão determinar o que os interactantes podem esperar um do outro).

Com relação a polidez como preservação de face, daremos ênfase nesta pesquisa à ela, como discutida a seguir.

---

<sup>6</sup>Functions to remedy any damage caused to an actor’s image upon the establishment of a responsibility link between an actor and behavior which fell below the standard expected relative to a particular reference group

<sup>7</sup>Repair Work is thus an attempt to show that the Speaker is a ‘good guy’ (despite having violated a social norm) and can be relied upon in the future to act (MEIER, 1995, p. 381).

### 2.3.Trabalho de Face

Um mundo de encontros sociais envolve as pessoas, ou em contato face-a-face, ou em contato mediado com outros participantes, como no caso de interações em redes sociais. De acordo com Goffman (2011), em cada um desses contatos, o falante tende a desempenhar o que às vezes é chamado de alinhamento (*footing*) – quer dizer, um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ele expressa sua opinião sobre a situação e, pelo qual, também produz sua avaliação sobre os participantes.

Esse termo (*footing*) é essencial para a definição, feita, também, por Goffman (2011), de outro termo importante para esta pesquisa. *Face* pode ser definida como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular. A face é uma imagem do eu, delineada em termos de atributos sociais aprovados. Segundo Oliveira; Cunha; Miranda (2017), o uso de *hedges*, termos que indicam atitude ou postura, pode ser concebido como estratégia linguística por meio da qual os falantes procuram proteger suas imagens públicas, bem como a imagem pública de seus interlocutores.

A esse respeito, há um envolvimento com a face dos outros que é tão imediato e espontâneo quanto o envolvimento com a própria face. Dessa forma, a face pessoal e a face dos outros são constructos da mesma ordem. São regras do grupo e a definição da situação determina quais tipo de sentimentos devemos ter

pela face do outro e como esses sentimentos devem ser distribuídos entre todas as faces envolvidas na interação (MUSA, 2014).

Assim, é esperado que o falante realize certos esforços para resguardar os sentimentos e a face dos outros. Também espera-se que ele faça isso voluntária e espontaneamente, por causa de uma identificação emocional com os outros e com os sentimentos deles. Como consequência, o falante não se sujeita a testemunhar a desfiguração social dos outros.

O trabalho de face envolve também as ações tomadas por uma pessoa para tornar o que quer que esteja fazendo consistente com a face. Dessa forma, o trabalho de face serve para neutralizar “incidentes” – quer dizer, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a face. Mesmo que a pessoa que empregue ações para preservar sua face não conheça todas as consequências dessas ações, elas frequentemente se tornam práticas habituais e padronizadas entre os vários grupos sociais (GOFFMAN, 2011).

No entendimento proposto por Goffman (2011), cada pessoa, subcultura e sociedade parecem ter seu próprio repertório característico de práticas para preservação de face. Em parte, é a esse repertório que as pessoas se referem quando perguntam como uma pessoa ou cultura realmente “são”. Podemos esperar que os interactantes de todos os círculos sociais tenham algum conhecimento da preservação da face e alguma experiência no uso dela. Em nossa sociedade, esse tipo de capacidade é às vezes chamada de tato, *savoir-faire*, diplomacia ou habilidade social (GOFFMAN, 2011).

Para Goffman (2011), se uma pessoa quiser empregar seu repertório de práticas para salvar a face, obviamente ela deve, em primeiro lugar, ter consciência

das interpretações que os outros podem ter feito sobre os seus atos de fala em geral. Em outras palavras, os falantes precisam exercer a “perceptividade” interacional.

Conforme já mencionado previamente, um falante poderá ter, em geral, dois pontos de vista - uma orientação defensiva para salvar sua própria face e uma orientação protetora para salvar a face dos outros. Algumas práticas interacionais serão primariamente defensivas e outras primariamente protetoras ainda que, de modo geral, possamos esperar, segundo Goffman (2011), que as duas perspectivas sejam assumidas ao mesmo tempo. Ao tentar salvar a face dos outros, o falante precisa escolher um método que não levará à perda de sua própria face; ao tentar salvar sua própria face, ele precisa levar em consideração a perda de face dos outros, potencialmente causada por ele.

Nesse sentido, ainda para Goffman (2011), a maneira mais adequada para uma pessoa evitar ameaças à sua face é evitar contatos que possibilitariam essas ameaças. Podemos observar isso diariamente na relação de evitação e na tendência de conduzir certas transações delicadas por meio de intermediários.

Dito de outro modo, quando uma interação ocorre, várias formas de prática de evitação entram em jogo, segundo a Teoria de Face de Goffman. Como estratégia defensiva, a pessoa evita tópicos e atividades que levariam à expressão de informações que seriam inconsistentes com a imagem que ela está mantendo. Em momentos oportunos, ela também poderá mudar o assunto da interação ou a direção da atividade (GOFFMAN, 2011).

Em casos em que os interactantes não possam evitar a ocorrência de um evento que é incompatível com os juízos de valor social que estão sendo mantidos e

quando o evento é difícil de se ignorar, então os participantes geralmente dão ao evento o *status* de um incidente – validando – o como uma ameaça que merece atenção oficial direta – e procedem de forma a tentar corrigir seus efeitos para a preservação de imagens.

Nesse ponto, um ou mais participantes, por exemplo, que se encontram em um estado estabelecido de desequilíbrio ou desgraça ritual, podem fazer uma tentativa de restabelecer um equilíbrio satisfatório para eles. Goffman (2011) chama de intercâmbio a sequência de atos colocada em movimento por uma ameaça reconhecida à face, terminando no restabelecimento do equilíbrio da interação. Exemplos desse tipo de estratégia em nossa sociedade podem ser encontrados na sequência de “Com licença” e “Certamente”, e na troca de presentes ou de visitas. Esses elementos atuam para reconquistar a imagem pública, quando geralmente prejudicada por um evento desabonador, ou ameaçador de face.

Quando uma face é ameaçada, é preciso realizar a preservação da face, mas não é de muita importância se ela é iniciada e desempenhada pela pessoa cuja face foi ameaçada, ou pelo ofensor, ou pela testemunha. Assim, termos como “tato” ou *savoir-faire* não conseguem distinguir se é a própria face da pessoa que sua diplomacia salva ou se é a dos outros. Da mesma forma, termos como “gafe” e *fauxpas* não conseguem especificar se o ator ameaçou a própria face ou a dos outros.

É compreensível que, se uma pessoa percebe que é incapaz de preservar sua própria face, os outros pareçam dispostos a protegê-la. Por exemplo, na sociedade educada, segundo Goffman (2011), um aperto de mão que, talvez, não

devesse ser oferecido se torna um ato que não pode ser recusado, já que indica pertencimento e cortesia.

Essa diplomacia em relação à preservação da face muitas vezes conta, para sua operação, com um acordo tácito para que os interactantes atuem por meio de “pistas”, ou de linguagem indireta, ambiguidades, pausas bem colocadas, piadas cuidadosas e assim por diante.

Finalmente, para Goffman (2011), quando uma pessoa realiza a preservação da face, junto com seu acordo tácito de ajudar as outras a realizar a delas, ela comunica sua disposição em obedecer às regras básicas da interação social.

### 2.3.1. Estratégias de Preservação de Face: Face Positiva e Negativa

O conceito de Face é descrito como um conceito paradoxal por Scollon; Scollon (1995, p. 46). Segundo esses autores, é necessário que haja o *envolvimento* dos participantes no sentido de contribuir, acolher o ponto de vista do outro nas interações humanas. Por envolvimento entende-se que os participantes demonstrem atração comum um pelo outro. Por outro lado, é também importante que a *independência* dos participantes seja respeitada e que sua individualidade seja enfatizada. A independência demonstra que os participantes em um evento comunicativo possuam algum grau de autonomia para agirem, além de liberdade de movimento e de escolha (SCOLLON; SCOLLON, 1995, p. 47).

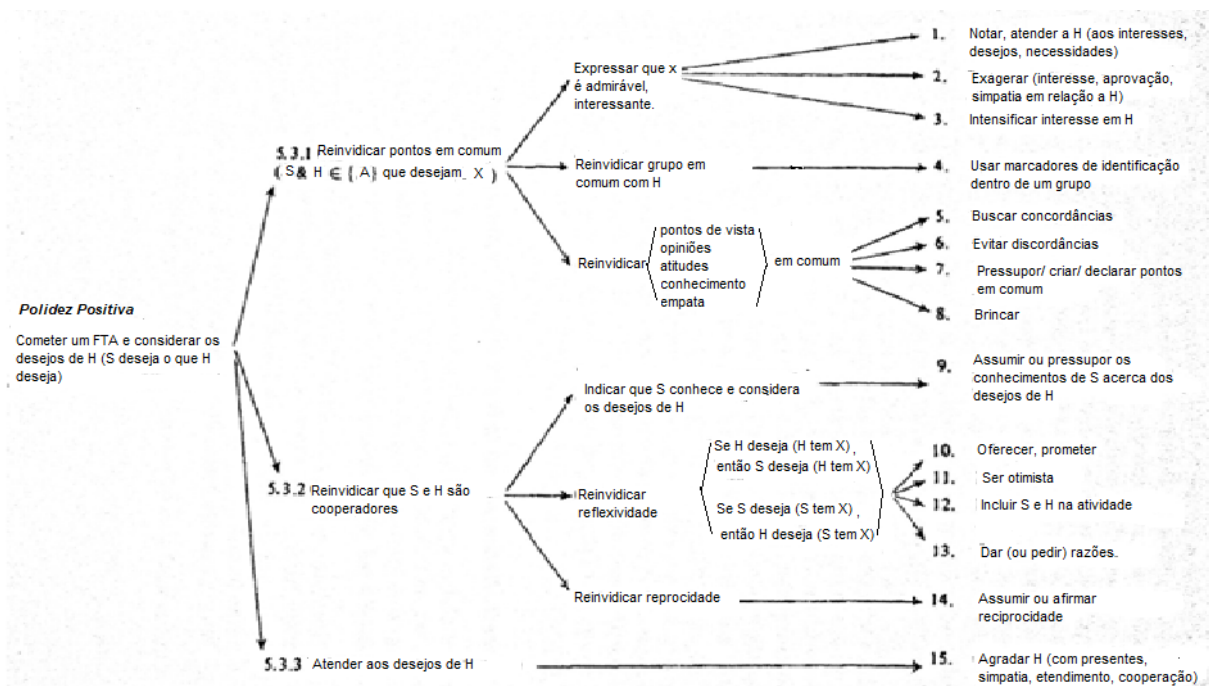
Dessa maneira, esses dois aspectos de Face são conflituosos, mas precisam ser projetados no discurso de forma equilibrada. A não observância de um desses aspectos projeta uma ameaça ao outro: se o falante, por exemplo, enfatiza o envolvimento, o ouvinte pode entender tal procedimento como uma ameaça a sua independência.

Por outro lado, “se o falante demonstra muita independência, o ouvinte pode presumir que seu envolvimento está sendo limitado” (SCOLLON; SCOLLON, 1995, p. 48). De qualquer forma, em qualquer evento comunicativo existe um risco para a Face dos participantes.

Os termos *envolvimento* e *independência*, utilizados por Scollon; Scollon (1995), equivalem aos conceitos de Face Positiva e Face Negativa, respectivamente, utilizados por Brown; Levinson (1978, 1987).

Segundo esses autores, face positiva corresponde ao desejo de todo participante de que suas necessidades e desejos também sejam almeçados por pelo menos alguns dos outros interactantes, ou seja, de transmitir empatia. A seguir, se encontra a Figura 4, que descreve as estratégias linguísticas usadas para a preservação da face positiva.

Figura 4- Estratégias linguísticas para preservação de face positiva



Fonte: Brown; Levinson; Gumperzs (1978, 1987, p. 102).

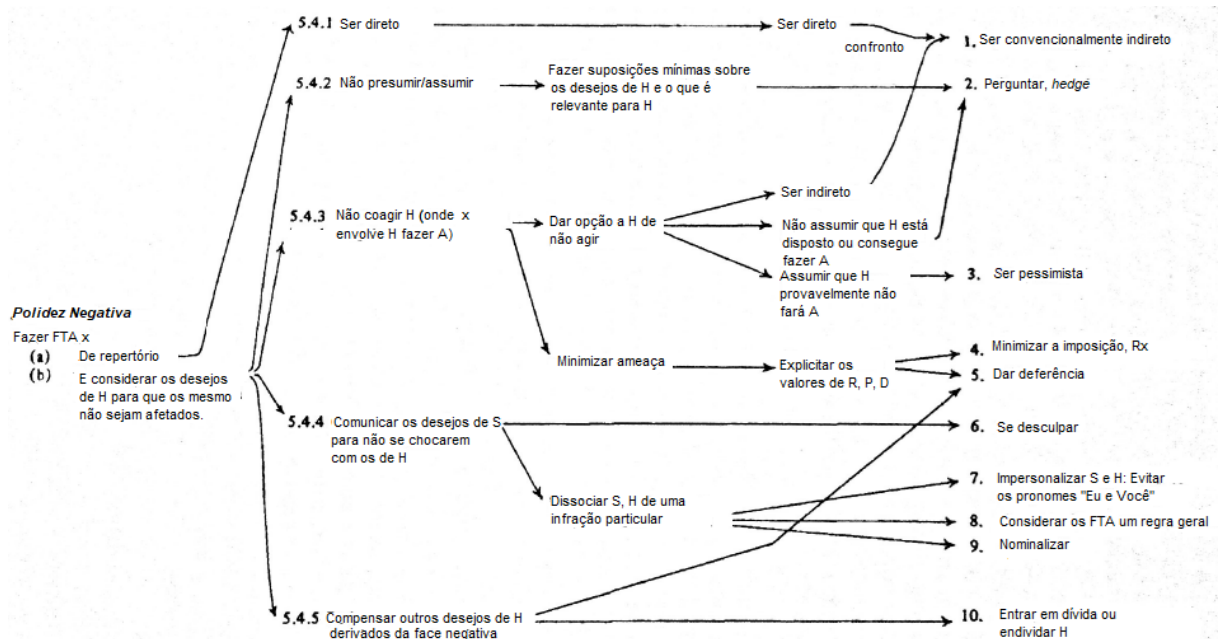
De acordo com a Figura 4, as estratégias linguísticas comumente utilizadas com o objetivo de se preservar a face positiva, no idioma inglês, são:

- 1) Perceber e acolher os interesses, desejos e necessidades do ouvinte;
- 2) Exagerar no interesse, na aprovação e na simpatia com o ouvinte;
- 3) Intensificar interesse no ouvinte;
- 4) Usar marcadores de pertencimento ao mesmo grupo do ouvinte;
- 5) Buscar acordo;
- 6) Evitar desacordo;
- 7) Estar atento aos desejos do ouvinte;

- 8) Brincar;
- 9) Ser eloquente;
- 10) Oferecer, prometer;
- 11) Ser otimista;
- 12) Incluir-se e incluir o ouvinte na atividade;
- 13) Dar ou pedir razões;
- 14) Assumir ou reafirmar reciprocidade;
- 15) Agradar o ouvinte com presentes, mostrando cooperação, entendimento, simpatia.

A Face Negativa, por outro lado, é definida como o desejo dos participantes de não terem suas ações restringidas por outros. Para preservar tanto a Face Positiva quanto a Negativa, ou seja, para que haja equilíbrio no grau de envolvimento e independência, Brown; Levinson (1978, 1987) apresentam dez tipos de estratégias linguísticas para preservação de Face Negativa, apresentados na figura seguinte.

Figura 5- Estratégias linguísticas para preservação de face negativa



Fonte: BROWN; LEVINSON; GUMPERZ (1978, 1987, p.131).

Já para preservar a Face Negativa, os autores propõem igualmente dez estratégias linguísticas:

- 1) presumir minimamente sobre os desejos do ouvinte; 2) dar ao ouvinte a opção de não atuar;
- 3) minimizar a ameaça de face;
- 4) desculpar-se;
- 5) ser pessimista;
- 6) dissociar os participantes (falante e ouvinte) do discurso;
- 7) proferir regras gerais;
- 8) utilizar sobrenomes e títulos;

- 9) ficar em silêncio;
- 10) Usar a língua materna ou dialeto do falante.

Este trabalho se baseia nessas estratégias de preservação de Face Positiva e Negativa, assim como no construto teórico aqui desenvolvido, a fim de caracterizar a modalidade digital e identificar de que forma a preservação de face se dá por meio do uso de *emojis*.

A seguir, os Atos Ameaçadores de Face (*Face Treathening Acts- FTAs*) serão discutidos, pois eles são salientes nas interações aqui analisadas.

### 2.3.2. Atos Ameaçadores de Face (FTA)

Segundo Brown; Levinson (1978,1987), dada a universalidade do conceito de face (o conhecimento mútuo da própria imagem ou face pública e a necessidade de se orientar com relação a ele em uma interação são universais), o fato de que alguns atos sejam intrinsecamente ameaçadores de face é intuitivo, uma vez que são contrários por natureza a face do falante. Os autores definem como “ato” o que pode ser realizado por uma comunicação verbal ou não verbal e criam uma distinção entre atos que ameaçam a face positiva e atos que ameaçam a face negativa, do falante e do ouvinte, apresentados a seguir, respectivamente.

Segundo Brown; Levinson (1978, 1987), os atos que primariamente ameaçam **a face negativa** do falante, indicando que o falante não pretende ter sua ação restringida por outros, são:

- (i) Atos que ofendem a face negativa do falante:
- a. Expressão de agradecimento (o falante aceita uma dívida, humilha sua própria face);
  - b. Aceitação dos agradecimentos ou desculpas do destinatário (o falante pode se sentir restringido a minimizar a dívida ou transgressão do destinatário, como em: “Não foi nada, não mencione isso”);
  - c. Desculpas (o falante indica que ele pensa ter uma boa razão para fazer ou não fazer um ato que o destinatário acabou de criticar; isso pode levar a uma crítica do destinatário ou causar um confronto entre os pontos de vista do falante do destinatário);
  - d. Aceitação de ofertas (o falante é restringido a aceitar uma dívida e invadir a face negativa do falante);
  - e. Respostas as gafes do destinatário (se o falante nota anteriormente uma gafe, ele pode causar vergonha no destinatário; se ele finge não notar, ele pode ficar desconcertado consigo mesmo);
  - f. Promessa e ofertas feitas com má vontade (o falante se compromete a uma ação futura apesar de não querer, portanto se sua má vontade é aparente, ele pode também ofender a face positiva do destinatário).
- (ii) Atos que danificam diretamente a face positiva do falante, ou seja, sua vontade de que suas necessidades e desejos sejam almeçados por outros, podem ser:
- a. Desculpas (o falante indica que ele se arrepende de realizar um FTA, prejudicando sua própria face de alguma maneira- especialmente se a

- desculpa é ao mesmo tempo uma confissão e o destinatário aprenderá sobre a transgressão e o FTA retrata notícias ruins);
- b. Aceitação de um elogio (o falante pode se sentir constrangido a denegrir o objeto do elogio do destinatário, prejudicando sua própria face, ou ele pode se sentir constrangido a elogiar o destinatário em troca);
  - c. Colapso do controle físico sobre o corpo, tropeço, queda, etc.;
  - d. Humilhação própria, confusão, acovardamento, contradição;
  - e. Confissões, admissões de culpa ou responsabilidade- por exemplo, por ter feito ou não um ato, ou por ignorância em relação a algo que se espera que o falante saiba;
  - f. Extravasamento de emoção, descontrole de risadas e lágrimas.

(Indicar que não se importa com os desejos de face positiva ou negativa do interlocutor).

Ainda segundo Brown; Levinson (1978, 1987), os atos que primariamente ameaçam a face negativa do interlocutor, indicando que o falante não pretende evitar impedir a liberdade de ação do interlocutor, incluem aqueles atos que induzem a um ato futuro do interlocutor, colocando nele pressão para realizar o ato (A):

- a. Ordens e pedidos (o falante indica o que ele deseja que o interlocutor faça ou não faça algum A);
- b. Sugestões, conselhos (o falante indica o que ele pensa que o interlocutor deveria fazer A);

- c. Lembretes (o falante indica que o interlocutor deveria se lembrar de fazer algum A);
- d. Ameaças, avisos, provocações (falante indica que ele, algo ou alguém induzir sanções contra o interlocutor a menos que ele faça A);
- e. Ofertas (o falante indica que ele quer que o interlocutor se comprometa a querer ou não que o falante faça algum ato para o interlocutor, que fica “em dívida” com o falante) f;
- f. Promessas (o falante se compromete a um ato futuro para o benefício do interlocutor);
- g. Elogios, expressões de inveja ou admiração (o falante indica que ele gosta ou gostaria de alguma coisa vinda do interlocutor);
- h. Expressões de emoções fortes (negativas) em direção ao interlocutor, por exemplo, raiva, ódio, luxúria (o falante indica uma possível motivação por prejudicar o interlocutor).

Ainda segundo Brown;Levinson (1978, 1987), os atos que ameaçam a face positiva, sugerindo que o falante não se importa com os desejos, sentimentos, etc. e, em certo ponto, ele não almeja os desejos do interlocutor, incluem:

- a. Expressões de desaprovação, criticismo ou ridicularização, reclamações, repreensões, acusações, insultos (o falante indica que ele não quer ou não gosta de um ou mais dos atos, desejos, características pessoais, bens materiais, crenças ou valores);

- b. Contradição, discordância ou desafio (o falante indica que ele pensa que o interlocutor está errado ou interpretando mal algum assunto e desaprova);
- c. Expressões de emoções violentas (o falante dá ao interlocutor uma razão possível para temê-lo ou se sentir envergonhado por ele);
- d. Irreverência, menção de tópicos que são *taboo*, incluindo tópicos inapropriados para o contexto (o falante indica que ele não leva em consideração os valores do interlocutor e os medos);
- e. Dar ao interlocutor notícias boas ou ruins sobre o falante (o falante indica que ele está disposto a incomodar o interlocutor e não leva em consideração seus sentimentos);
- f. Trazer à tona tópicos emocionais ou divisíveis, por exemplo, política, raça, religião (o falante levanta a possibilidade de atos ameaçadores de face e cria uma atmosfera perigosa para a face);
- g. Não-cooperação evidente em uma atividade, por exemplo, interromper repentinamente a fala do interlocutor, demonstrando falta de atenção (o falante indica que não se importa com os desejos de face positiva ou negativa do interlocutor);
- h. Uso de termos endereçados e outras identificações em encontros iniciais (o falante pode identificar o interlocutor com uma maneira ofensiva ou embaraçosa, intencionalmente ou acidentalmente).

A ameaça de face é sempre múltipla e a forma de classificar os atos de fala de Brown e Levinson (1978/1987) com relação ao tipo de face (positiva ou negativa) do falante e do interlocutor é pedagógica e deve ser entendida em um continuum.

Essa classificação servirá como base para a classificação dos *emojis* neste trabalho, uma vez que a mesma indica as estratégias que servem para preservar faces e para garantir que as interações fluam em ambiente digital polido, ou cortês.

A seguir será discutido o conceito de pares adjacentes, que mostram como funciona a dinâmica de protótipos perguntas- respostas, convite- aceitação, para que os *threads* usados como base de dados desta pesquisa fossem analisados.

#### 2.4. Pares de adjacência

Os pares de adjacência, assim como os próprios atos de fala, fazem parte da estrutura interacional e são uma forma de se administrar a interação. Eles constituem uma unidade fundamental da organização interacional (GOFFMAN, 1976; COULTHARD, 1977, p. 70) e são protótipos, tais como pergunta-resposta, cumprimento-cumprimento, desculpa-aceitação. Dito de outro modo, pares de adjacência são sequências de duas enunciações (LEVINSON, 1983, p. 385):

- (i) adjacentes;
- (ii) produzidas por falantes diferentes;
- (iii) ordenadas como primeira parte e segunda parte;

(iv) tipificadas, de modo que a primeira parte específica exige uma segunda parte específica (ou uma série específica de segundas partes), por exemplo, as ofertas exigem aceitações ou recusas, cumprimentos exigem cumprimentos, etc.

Segundo Levinson (1983), há uma regra que rege os pares de adjacência:

Tendo produzido uma primeira parte de certo par, o falante atual deve parar de falar e o falante seguinte deve produzir, nesse ponto, uma segunda do mesmo par. (LEVINSON, 1983, p. 385.

Levinson (1983) pontua, então, que os pares adjacentes são formados de tal maneira que a primeira parte deles impõe a produção de uma segunda e, com relação à segunda parte. Há também, segundo o autor, uma hierarquização operando nas alternativas possíveis de produção de pares adjacentes.

Desse modo, há, pelo menos, uma categoria de reação **preferida** e uma **despreferida**. A noção de preferência aqui não é psicológica, no sentido de não se referir a preferências individuais dos interactantes. Essa é, nesse caso, uma noção estrutural, que corresponde ao conceito linguístico de marcação. Partes não marcadas correspondem a partes estruturalmente mais simples e mais frequentes, ou esperadas, na língua.

Essa relação entre preferência e estruturas mais simples se deve, também, a um subprincípio do princípio de iconicidade que, nesse caso, é o subprincípio da quantidade de informação (GIVÓN, 1985). O princípio faz referência ao grau de integração entre os constituintes da expressão e do conteúdo e à ordenação linear dos segmentos nele empregados. Segundo o subprincípio da quantidade, quanto

maior a quantidade de informação e sua complexidade, maior a quantidade de forma, ou de materialidade linguística, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa. Isso significa que a complexidade cognitiva tende a refletir-se na complexidade de expressão: “aquilo que é mais simples e esperado se expressa com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo, ou mais simples”(SLOBIN, 1980, p. 15).

Elementos linguísticos marcados, dessa forma, apresentam maior complexidade estrutural, mais material linguístico e são despreferidos. Uma das regras de produção de fala pode ser formulada, de grosso modo, da seguinte maneira: “Tendência a evitar a ação despreferida- a ação que geralmente ocorre no formato despreferido ou marcado”(LEVINSON, 1983, p. 426).

Esse aspecto é ilustrado no exemplo a seguir:

*Atkinson; Drew, 1979, p. 58(apud LEVINSON, 1983, p. 426)*

A: Porque você não sobe e vem me ver qualquer hora dessas?

B: Eu gostaria.<sup>8</sup>

*Atkinson; Drew, 1979, p. 58(apud LEVINSON, 1983, p. 426, tradução minha)*

A: Se você não se importar de fazer uma visita...eu te dou uma xícara de café.

B:Bem, é muita gentileza da sua parte, mas eu não vou conseguir essa manhã.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup>A: Why don't you come up and see me some times

B:I would like to.

<sup>9</sup>A: Uh if you'd care to come and visit a little while the... I'll give you a cup of coffee.

B: hehh Well that's awfully sweet of you, I don't think I can make it this morning.

Os pares adjacentes, como no exemplo anterior, formados por convite-resposta, representam um tipo de resposta não marcada e preferida, de formato menos complexo por ser cognitivamente menos complexa de ser criada, uma vez que é uma aceitação ao convite. Por outro lado, o segundo exemplo mostra o tipo de resposta que deve ser evitada, a recusa, segundo a regra de produção de fala de Levinson (1983). A recusa, portanto, possui o formato despreferido e marcado, é cognitivamente e estruturalmente mais complexa e apresenta argumentos que podem ser apontados como uma estratégia de preservação de face positiva, nesse caso.

Tendo em vista os conceitos básicos de face de polidez aqui descritos, no capítulo seguinte, o processo de coleta e de análise de dados da pesquisa será descrito.

### 3. METODOLOGIA

Neste estudo, o potencial pragmático-discursivo dos *emojis* foi colocado em evidência, através do fato de que os *emojis* não são somente usados como expressões emotivas, mas também podem ser usados como indicadores da força ilocucionária das trocas comunicativas das quais eles fazem parte. O que descrevemos aqui então, é como os *emojis* contribuem para que os interactantes possam comunicar sentidos na CD, bem como seu papel de indicadores de

---

estratégia linguística de preservação de face, funcionando como mitigadores ou intensificadores do trabalho de face.

Com a finalidade de coletar dados que pudessem confirmar essa hipótese, foram extraídas e analisadas interações de um grupo de *Whatsapp*, o que será detalhado a seguir.

O *Whatsapp* é um aplicativo para smartphones que disponibiliza troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão com a *internet*.

O aplicativo foi lançado oficialmente em 2009, pelos veteranos do *Yahoo!* - uma das maiores empresas americanas de serviços para a internet - Brian Acton e Jan Koum, e funciona com sede em Santa Clara na Califórnia, Estados Unidos. Atualmente, ele é compatível com todas as principais marcas e sistemas operacionais de *smartphones* do mundo, como o *iPhone* (iOS), *Android*, *WindowsPhone*, *BlackBerry* e *Nokia*.

O diferencial do *Whatsapp*, segundo os seus criadores, foi a inovação do sistema de utilização dos contatos telefônicos no software. Quando um usuário baixa o aplicativo para seu telefone, não é necessário criar uma conta ou adicionar amigos para poder utilizar a plataforma. O *Whatsapp* procura os números de celulares salvos no chip e no aparelho e automaticamente identifica qual está cadastrado no *Whatsapp*, adicionando para a lista de contatos.

O *Whatsapp* é visto como uma substituição ao SMS, por ser mais prático e econômico, pois não há um custo adicional para enviar as mensagens, além do plano de dados utilizado para se conectar à *internet*, por exemplo.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup>Disponível em: <https://www.significados.com.br/whatsapp/>

Dessa maneira, as características descritas anteriormente do *Whatsapp* propiciam a análise de dados desse trabalho, uma vez que por ser um aplicativo de mensagens instantâneas, ele propicia contextos mais amplos, interações que mostram mais claramente a intenção dos interactantes ao usar os *emojis*. Por outro lado, pelo fato de as interações ocorrerem entre amigos, o contexto também propicia uma informalidade maior e conseqüentemente, mais espaço para o uso de *emojis*.

Para a coleta de dados desta pesquisa, as seguintes fases foram percorridas:

FASE 1: Primeiramente, foi selecionado um grupo de amigos, formado no *Whatsapp*. Esse grupo foi escolhido por ser um grupo de amigos pessoais que se conheceram no meio profissional (todos os interactantes do grupo são professores de inglês) e, conseqüentemente, um grupo informal, o que favoreceria o uso de *emojis*.

FASE 2: Em seguida, foi necessário solicitar o consentimento dos membros do grupo de *Whatsapp*, para que as interações pudessem ser coletadas e anonimamente analisadas. Assim sendo, embora tenha havido consentimento dos membros, os dados dos participantes não são identificados e suas identidades são completamente preservadas neste estudo. É importante salientar aqui que a imagem do perfil do grupo, mantida nos exemplos analisados, é pública, relativa ao ícone de um popular seriado americano.

FASE 3: Os recortes da interação (*threads*) foram extraídos dentro de um período de 1 ano, entre 2016 e 2017. Nesse período, foram coletados cerca de 1296 *thread* e 432 *emojis* no total.

FASE 4: Nessa fase, a categorização dos *emojis* foi realizada. Os nomes dados aos *emojis* neste estudo foram adaptados da Tabela 2 (seção 1).

FASE 5: Em seguida, os *threads* da interação, contendo *emojis* foram analisados. Mais especificamente, 10 *threads* e 14 *emojis* foram analisados qualitativamente e manualmente neste estudo.

FASE 6: A análise qualitativa (manual) dos *threads* e a categorização dos *emojis* foi realizada com a finalidade de atingir o objetivo deste trabalho: investigar se/ como *emojis* podem servir como indicadores do grau de intencionalidade dos interactantes, no sentido de atenuarem ou de enfatizarem o ato ilocucionário, ou seja, funcionando como *hedges*, termos que expressam postura ou atitude.

Na visão deste estudo, o uso de *hedges* pode ser concebido como estratégia linguística por meio da qual os falantes procuram proteger suas imagens públicas, bem como a imagem pública de seus interlocutores (MUSA, 2014).

Mais especificamente, os *emojis* foram classificados como elementos sinalizadores de estratégias de preservação de face positiva ou negativa, de acordo com as tabelas apresentadas por Brown; Levinson (1978, 1987) (neste trabalho, nas figuras 4 e 5 da seção 3).

Diante dos passos acima descritos, passa-se aqui à análise de dados do estudo.

#### 4. ANÁLISE DE DADOS

Os *emojis* serão aqui primeiramente analisados como maximizadores de emoção, função mais primária. Em seguida, eles serão analisados por meio de seu papel como intensificadores ou mitigadores (*hedges*) de estratégias de preservação de face positiva e negativa (BROWN; LEVINSON, 1978, 1987). É importante ressaltar que o trabalho de face é complexo, como explicado na sessão 2.3 desse trabalho, esse trabalho assume 2 perspectivas, uma protetora e outra defensiva. Então, quase sempre o falante trabalha sua face positiva, por exemplo, e, com isso, leva em conta a preservação da face negativa do outro e vice-versa. No entanto, a análise desse trabalho é centrada nos *emojis* que são usados durante as interações e portanto, centrada no trabalho de face do usuário do *emoji*.

A despeito da função emotiva, é possível observar, como se verá a seguir, que, mesmo nessa função primária, os *emojis* podem também atuar como intensificadores (ou mitigadores) da intenção comunicativa de interactantes.

Figura 6- Trecho de conversa de *Whatsapp*

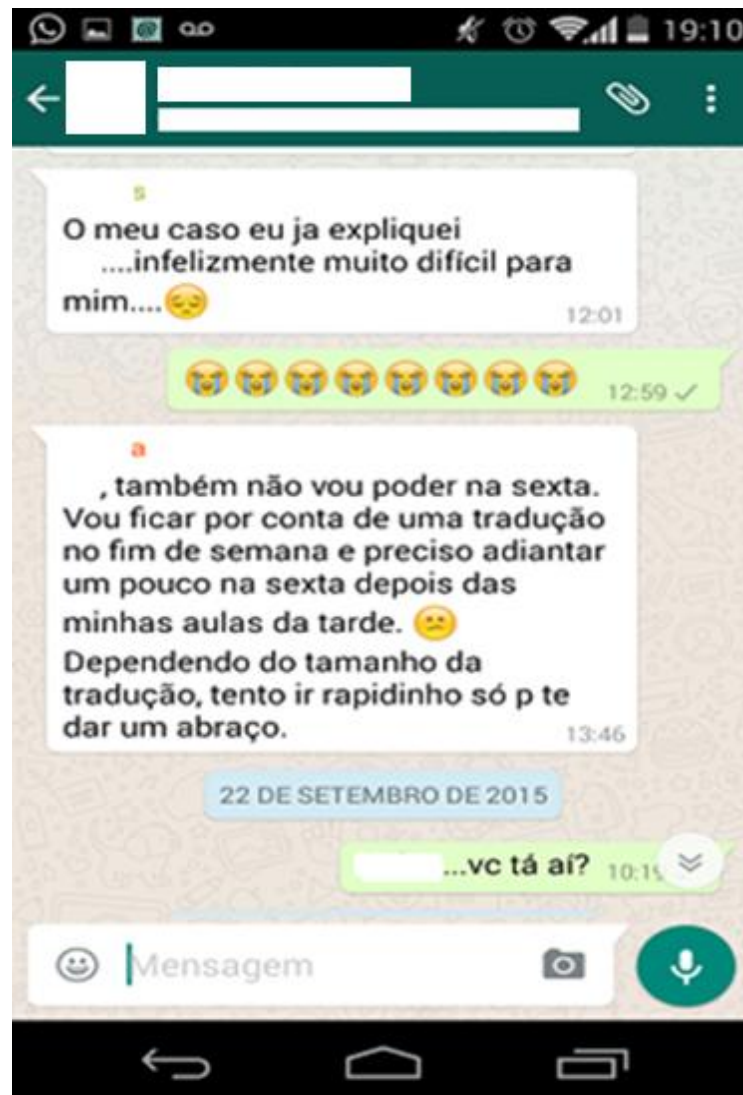
Fonte: Elaborado pela autora (2018)

O exemplo 1 mostra uma interação que se inicia com um dos interactantes anunciando a notícia de que outra pessoa do grupo estava prestes a ganhar um bebê. Dessa maneira, diante da notícia, todos os *threads* produzidos pelos interactantes em seguida são de demonstração de carinho e de alegria pela notícia. Para isso, são identificados pares de adjacência do tipo “notícia- cumprimento”.

Os cumprimentos diante da notícia da chegada do bebê são respostas mais frequentes e esperadas, portanto, são preferidas e não-marcadas. A maioria dos cumprimentos apresenta exclusivamente *emojis*, incluindo os seguintes *emojis*: coração, carinha com olhos de coração e palmas.

Nesse caso, os *emojis* explicitam os sentimentos de carinho e alegria manifestados. Os *emojis* com uso emotivo, como identificados aqui, são usados também para manifestar algum tipo de reação (ou resposta) a uma notícia dada ao grupo. Nesse sentido, eles também servem para reforçar o sentimento de pertencimento e a intimidade entre os membros do grupo, conforme também verificado por (SCOTT 2015), em seu estudo sobre *hashtags* na CD.

Como vimos então, os *emojis* do exemplo 1 funcionam como maximizadores de manifestação de emoção e, a partir do exemplo 2, estão os casos que mostram que os *emojis* também podem ter a função de indicar a intenção do falante ou usuário. Mais especificamente, os *emojis* são usados para mitigar ou intensificar a preservação de sua face (positiva ou negativa).

Figura 7- Trecho de conversa de *Whatsapp*

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

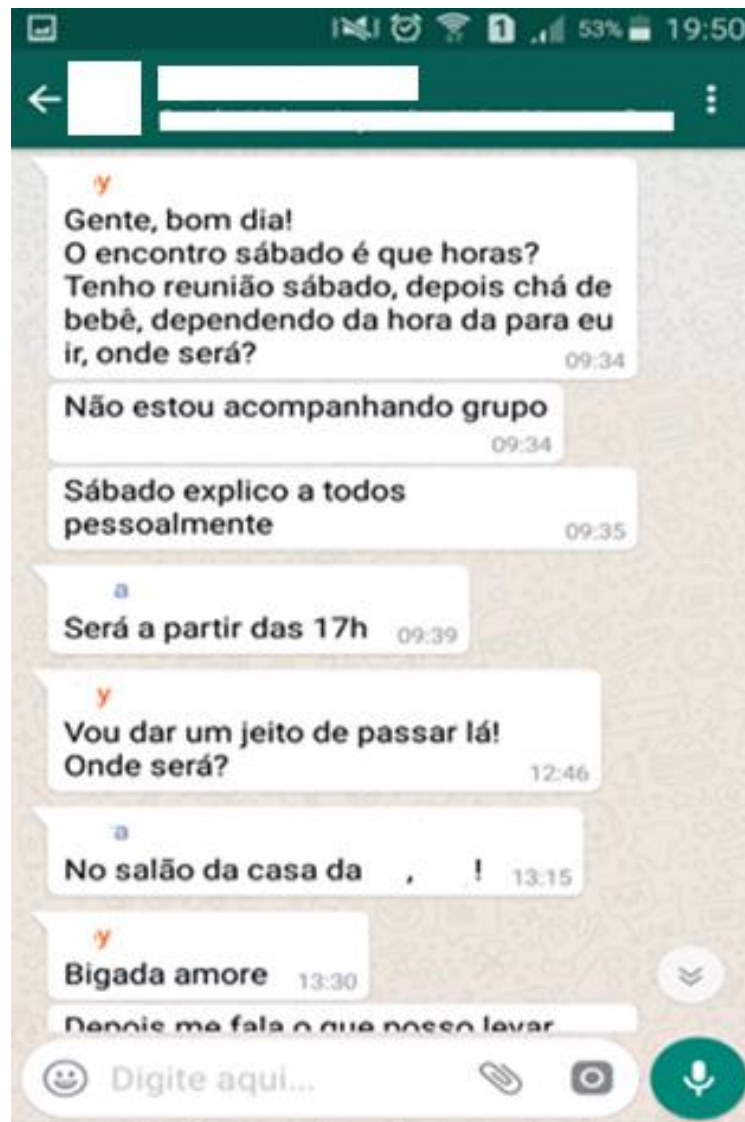
No exemplo 2, o contexto da interação começa com um dos interactantes convidando os outros para comemorar seu aniversário e alguns deles, como mostra o exemplo, respondem ao convite em forma de recusa. O par de adjacência analisado aqui é, portanto, convite-aceitação/recusa.

As recusas, por serem consideradas respostas menos frequentes e menos esperadas, são despreferidas e marcadas. Elas também apresentam uma forma

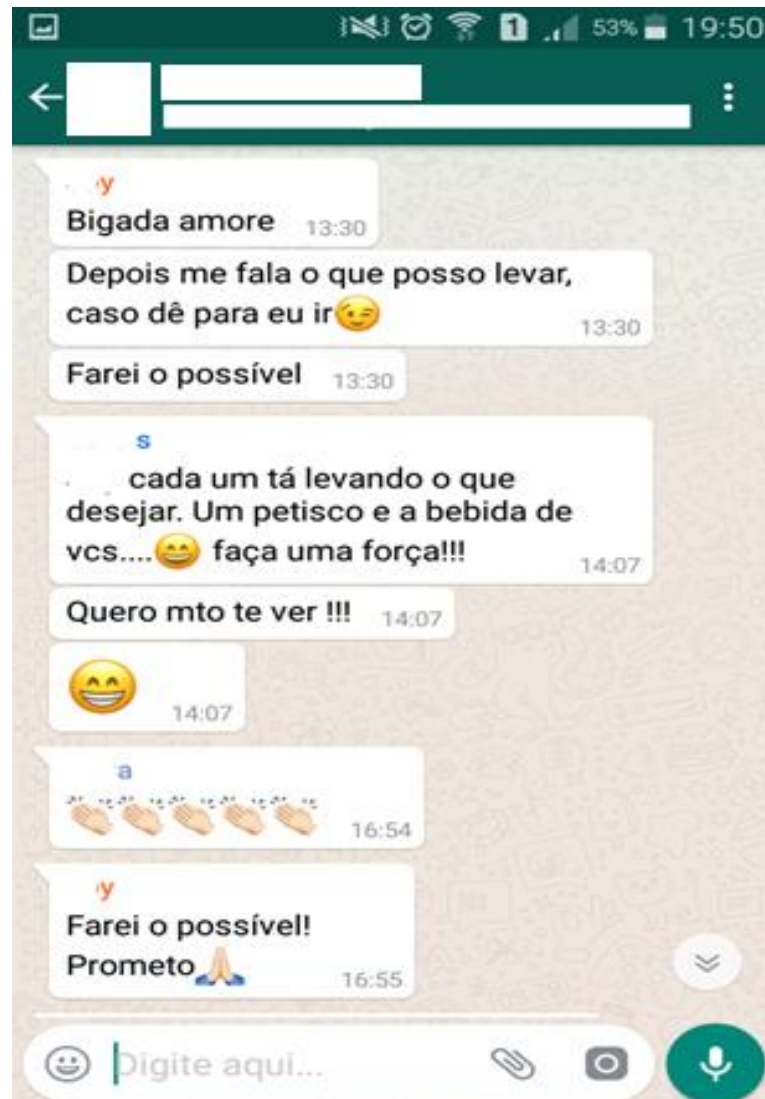
estrutural mais elaborada por serem cognitivamente mais complexas (SLOBIN 1980) e essa complexidade cognitiva se reflete na escrita, nesse caso.

Mais especificamente, o exemplo 2 mostra dois interactantes recusando um convite para um almoço. O primeiro autor da recusa explicou o motivo retomando o assunto do convite, conforme mostra o primeiro comentário do exemplo 2. Nota-se que a recusa ao convite foi produzida usando bastante material linguístico uma vez que o autor afirma que já explicou antes e reforça a recusa ao convite. Nesse caso, logo em seguida aparece um *emoji* de carinha decepcionada. Nesse exemplo, o *emoji* é utilizado como estratégia de preservação da face positiva do autor do *post* (e conseqüentemente) da face negativa de seu interlocutor, reduzindo a ameaça do ato de fala. Além disso, o autor da recusa intensifica sua preocupação pelos interesses do autor do convite (BROWN E LEVINSON, 1978/1987, p.102).

Como se vê, também como forma de recusar o convite, o autor da recusa produz um discurso com maior materialidade linguística. Isso ocorreu, de acordo com nossa proposta, pelo fato de esta ser uma resposta menos frequente e menos esperada e, portanto, um ato de fala despreferido (SLOBIN, 1980). O *emoji* de carinha lamentável foi usado aqui como indicador de preservação da face positiva do autor (e conseqüentemente) da face negativa do interlocutor, por meio da demonstração de empatia. Nesse caso, a tentativa de gerar empatia foi enfatizada quando o usuário do *emoji* o usou para mostrar um ponto em comum, intensificar o pesar pela ausência no evento e a preocupação pelos interesses dele (BROWN E LEVINSON, 1978/1987, p. 102).

Figura 8- Trecho de conversa de *Whatsapp*

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Figura 9- Trecho de conversa de *Whatsapp*

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Os exemplos 3 e 4 são relativos ao mesmo hipertema das interações aqui apresentadas (um arranjo de um encontro). Eles se iniciam com um dos interactantes perguntando sobre as informações de uma reunião previamente combinada entre todos os interactantes do grupo. Dessa maneira, o par adjacente aqui analisado é o pergunta-resposta.

O que podemos ver é que, logo após fazer a pergunta sobre o horário do encontro, o autor da pergunta expressa incerteza quanto à sua ida ao encontro. Em seguida, ele diz, entre outras informações, que, “dependendo da hora, dá pra eu ir”, “Vou dar um jeito de passar lá!”, “...caso dê para eu ir” e “Farei o possível” e “Prometo”. Nessa troca comunicativa, o uso de “caso dê para eu ir”, seguido do *emoji* de carinha piscando e o uso de “Prometo”, seguido pelo uso do *emoji* de mãos orando palma com palma servem como estratégia de polidez, indicando a preservação de face positiva do autor (e conseqüentemente) de face negativa do interlocutor e, portanto, reduzindo a ameaça do ato de fala produzido.

Dessa forma, ocorre um comentário menos frequente e não esperado para esse tipo de situação, portanto despreferido e marcado, acerca do encontro combinado, dada a possível ausência do autor do *post*. Por isso, ele usa mais material linguístico, o que torna seu discurso mais longo (são vários comentários ao longo do *thread*), com o objetivo de comunicar e justificar sua ausência. Isso indica empatia e preserva sua imagem. A fim de conferir intensidade a esse propósito, o autor do *post* usa os *emojis* de carinha piscando e de mãos orando palma com palma.

Mais especificamente, o autor do *post* mostra a intenção de transmitir empatia quando intensifica sua promessa de comparecer ao evento (BROWN; LEVINSON, 1978/1987, p. 102), usando as seguintes expressões: “Farei o possível”, “Prometo”, e o *emoji* de mãos orando “...caso dê para eu ir”. O mesmo autor, quando usa o *emoji* de carinha piscando, intensifica seu otimismo (BROWN; LEVINSON, 1978/1987, p. 102) nos seguintes momentos “...dependendo da hora, dá pra eu ir” e

“Vou dar um jeito de passar lá” e por último dá razões para a ausência ao dizer: “Tenho reunião sábado, depois chá de bebê...”.

Como se viu, todos os *emojis* até aqui analisados funcionaram, principalmente, como indicadores da intenção do falante de comunicar empatia e de ter seus desejos e necessidades almejados por outros. Dessa forma, os *emojis* analisados até agora atuaram também como indicadores de preservação de face positivado falante.

Figura 10- Trecho de conversa de *Whatsapp*

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

O exemplo 5 apresenta um dos interactantes convidando os outros para comemorarem seu aniversário. Dessa maneira, o par adjacente retratado, nesse caso, é convite- aceitação/recusa. Uma das respostas, frequente e esperada, preferida e não marcada, ocorreu em formato de *emojis* de palmas.

A segunda resposta ao convite: “Estarei lá”, outra aceitação, foi realizada de maneira curta e direta, uma vez que, por ser a forma mais esperada de resposta a

um convite, é menos complexa cognitivamente e linguisticamente. Ela é, portanto, preferida e não marcada.

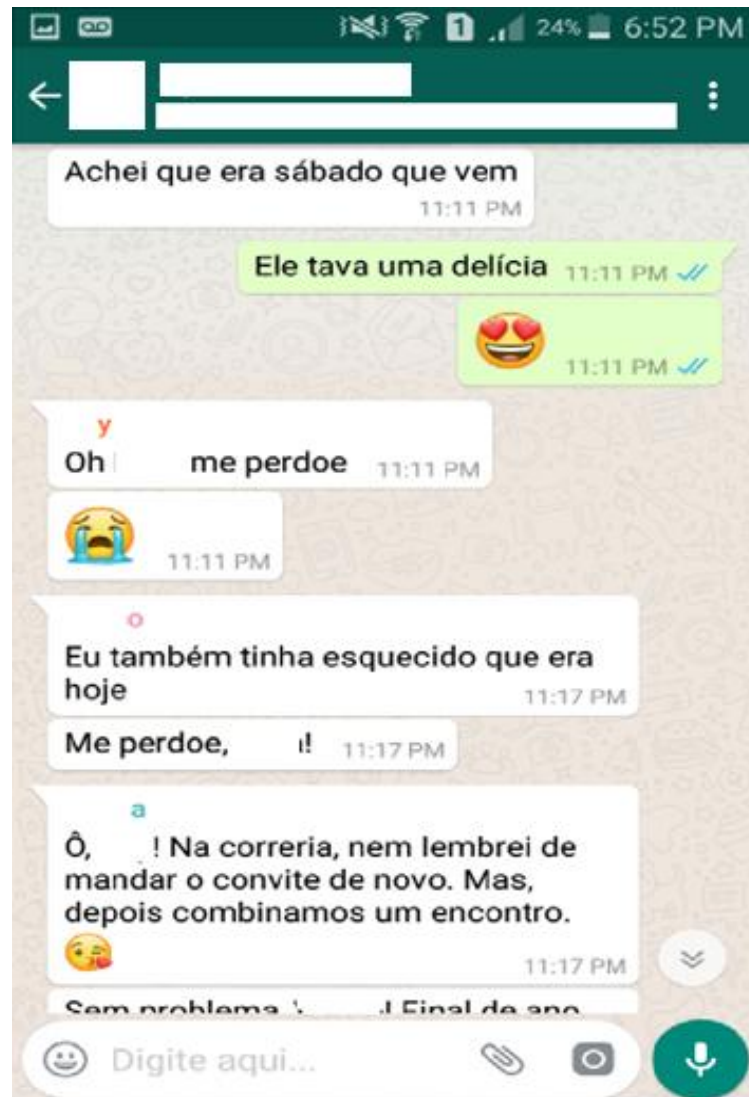
Centrando-se na última resposta dessa interação, “Ai, queria estar, mas a grana tá curta real”, por ser uma recusa ao convite, ela é do tipo menos frequente e menos esperada, despreferida e marcada.

Para reforçar sua resposta, o autor do *post* usou o *emoji* de carinha com boca aberta e suor frio, o que mostra que ele lamenta o fato de não comparecer ao evento e usa o *emoji* como uma maneira de intensificar seu pedido de desculpa (BROWN e LEVINSON, 1978/1987, p. 131) pela ausência, na tentativa de reparar qualquer dano causado à sua imagem (MEIER 1995)

O *emoji* carinha com boca aberta e suor frio do exemplo 5 foi usado como um indicador de preservação de face negativa do autor do *post* (e conseqüentemente da face positiva do interlocutor), no sentido de mitigar uma ameaça a face negativa do usuário ou falante, face que consiste na não restrição de ações por outros, uma vez que o participante não poderá ir ao aniversário e tem a intenção de não sofrer restrição nesse sentido.

Figura 11- Trecho de conversa de *Whatsapp*

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Figura 12- Trecho de conversa de *Whatsapp*

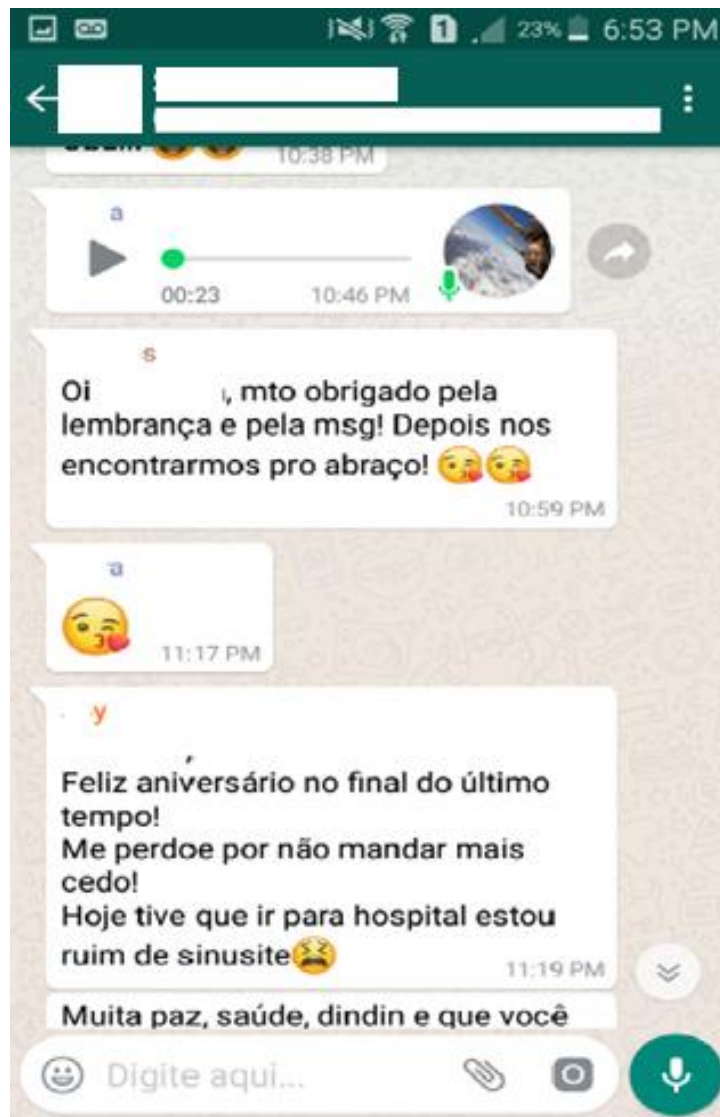
Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Os exemplos 6 e 7 mostram uma série de pedidos de desculpa e de lamentações. No primeiro momento, um dos interactantes pede delicadamente para que os outros não postem foto de um evento em redes sociais e faz uso do *emojis* carinha fazendo careta para isso. O que se pode observar nesse caso é que, ao fazer esse pedido, o que deveria ser um par de adjacência do tipo pedido/ recusa ou

aceitação com respostas obedecendo esse formato, acaba se transformando em pedidos de desculpas consecutivos.

Isso decorre do fato de que, a partir do momento em que um dos interactantes pede para não postarem fotos do aniversário de seu filho, outros, que supostamente esqueceram a data do aniversário, pedem desculpas por não terem comparecido. Ao se desculparem, um deles usa o *emoji* carinha corada e o *emoji* carinha deitada em lágrimas para reforçar a ideia de que ele sente muito.

Então, o autor do *post* dá uma resposta menos frequente e menos esperada, ou seja, despreferida e marcada, usando muito material linguístico para desculpar-se. Os dois *emojis* “carinha corada” e “carinha deitada em lágrimas” intensificam o pedido de desculpas do autor do *post*, mostrando que a intenção do falante (ou do usuário) é não ter sua ação (de ter esquecido o aniversário) restringida ou desaprovada por outros. Os *emojis* funcionaram, nesse caso, como indicadores de preservação de face negativa do autor (e, também, da face positiva do interlocutor).

Figura 13- Trecho de conversa de *Whatsapp*

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

O exemplo 8 mostra cumprimentos pelo aniversário de um dos interactantes e além desses, um pedido de desculpas de outro dos interactantes por cumprimentar o aniversariante tarde. Assim, o pedido de desculpas é um comentário menos frequente e esperado nesse contexto, despreferido e marcado, com muito material linguístico em sua fala.

No final do pedido, o autor do *post* usou o *emoji carinha consternada* como um intensificador do pedido de desculpa, com a intenção de remediar uma ofensa pela qual ele tomou responsabilidade (HOLMES 1990, p.159) e consequentemente, como um indicador de preservação de face negativa (e, também, de preservação de face positiva do interlocutor).

Outros usos de *emojis* encontrados neste estudo estavam mais fortemente ligados à função de substituírem palavras e de expressarem ironia, conforme descritos por Paiva (2016). Eles são analisados a seguir, juntamente com a análise de conteúdo referencial que também é expresso pelos *emojis*.

Figura 14- Trecho de conversa de *Whatsapp*

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

O exemplo 9 mostra novamente o anúncio de uma notícia, dessa vez um casamento. Ele contém o par de adjacência do tipo notícia- cumprimento. O uso dos *emojis* 'noivinha' e 'aliança', indicam a intenção (ato ilocucionário) do autor do *post* de declarar que um casamento vai acontecer. Está presente, nesse caso, além de outras funções, como o ato de convidar, a função referencial, ou informativa da linguagem.

Os *emojis*, no exemplo 9, foram usados, não somente como reforço de expressões de emoção, ou como indicadores de estratégias linguísticas de preservação de face, mas são usados no lugar de palavras. Eles podem substituir, nesse caso, uma sentença inteira, com os símbolos da noivinha e do anel. Os *emojis* também desempenham, no exemplo, a função sintática apresentada por Paiva (2017) de substituir palavras, conforme mostra o exemplo 9.

Do ponto de vista perlocucionário, ou seja, ligado ao efeito causado no destinatário da mensagem, os interagentes parecem compreender a intenção de comunicar a cerimônia de casamento, já que os *threads* seguintes são de cumprimento pelo casamento anunciado. Há, ainda, um *thread* que indica que a notícia não esperada: “Sério isso?”

As respostas seguintes ao anúncio do casamento são respostas não marcadas e preferidas, uma vez que elas expressam felicidade e manifestam cumprimentos pelo acontecimento. Todas as respostas que demonstram esse sentimento apresentam *emojis* (coração, palmas e sorrisos), que mais uma vez são usados como reforço e para expressar alegria pelo anúncio do casamento.

Figura 15- Trecho de conversa de *Whatsapp*

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

No exemplo 10, o par de adjacência presente na interação é também do tipo notícia-cumprimento. Podemos notar que, no início da interação, um dos interactantes diz que algo acontecerá, mas não explicita o quê. Isso cria um clima de expectativa nos outros participantes. Nesse ponto, outro participante prossegue a interação, causando um efeito irônico ao perguntar: “Vai ter bazar beneficente?” “Quermesse?”, seguido da carinha chorando de rir.

A carinha é usada aqui justamente para conferir um tom de divertido á postagem. Percebe-se que, na verdade, o autor do *post* está ciente de que não vai ter bazar beneficente ou quermesse (inferível da longa risada “kakakakakaka” de outro participante na fala seguinte -exemplo9). O *emoji*, então, nesse caso, foi usado como um reforço para mostrar a intenção de brincar com a linguagem, assim, ele funciona como intensificador do tom de ironia. Portanto, conforme Paiva (2016) afirmou, uma das funções discursivas dos *emojis* é a de expressar ironia e isso pode ser visto no exemplo 10. Ele serve também como forma de indicar familiaridade e intimidade entre os participantes da interação, uma vez que o *thread* aqui analisado foi usado com o objetivo de entreter os outros participantes, que estavam cientes do tom de brincadeira.

Conforme se pôde constatar nessa seção de análise de dados, os *emojis* podem ser usados em concordância com a intenção do usuário, funcionando como indicadores do trabalho de face, no sentido de mitigar uma ameaça à face e/ou de intensificar a preservação desta.

Portanto, antes de tecer as considerações finais, é possível constatar, por meio desta seção de análise de dados, que os *emojis* atuam como indicadores do trabalho de face no sentido de mitigar uma ameaça a face, que é sempre múltipla e afeta tanto a face do falante quanto a do interlocutor. Esse aspecto também reforça o caráter complexo e dinâmico das interações na CD.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito à CD, não se pode afirmar, ao certo, se ela evoluirá e se transformará em outro tipo de modalidade da linguagem. Diante disso, nos alinhamos à Paiva (2016, p. 12), ao afirmar que “podemos prever que sempre haverá mudanças. Novas formas de comunicação podem emergir, novos gêneros podem surgir e outros poderão ter sua ‘relativa estabilidade’ alterada”. Assim sendo, a CD se afirma como uma modalidade híbrida em relação a escrita e a oralidade, permeando características de ambas e, simultaneamente, apresentando características inovadoras. O uso de *emojis*, descrito neste estudo, evidencia esse hibridismo.

Esse estudo também evidencia o fato de que o uso dos *emojis* não se reduz a expressões emotivas e que eles também podem ser usados como indicadores da força ilocucionária das trocas comunicativas das quais eles fazem parte. Ou seja, os *emojis* contribuem para que os interactantes possam comunicar sentidos na CD e indicam a estratégia linguística de preservação de face, funcionando como mitigadores ou intensificadores do trabalho de face.

Os *emojis* se constituem em elementos inovadores na CD, atuando como forma de economia de linguagem. Eles também atuam como índices de informalidade e de pertencimento social, fator bastante saliente nos dados aqui discutidos.

A análise aqui apresentada também indicou que os *emojis* atuam como maximizadores de emoção e como estratégias de preservação de face, de modo a preservar a imagem do falante, evitando conflitos diretos.

Esta proposta de análise dos *emojis*, aqui desenvolvida, defende que o uso desses ícones não seja redutível a aspectos extralingüísticos, ou unicamente à pura manifestação de emoções dos participantes da interação.

Este trabalho também defende que os *emojis* sejam estudados do ponto de vista de sua contribuição para a construção dos sentidos comunicados, indicando a intencionalidade das trocas comunicativas nas quais estão presentes. Por fim, esta pesquisa espera ter podido contribuir para que o universo da CD possa ser melhor compreendido e mais amplamente analisado em seu caráter dinâmico e complexo.



EMOTICON SIGNIFICADO. *Emoticons do WhatsApp com significado*. Disponível em: <https://www.emoticonsignificado.com.br/>. Acesso em: Mar. 2018.

EVANS, V. (2017) *The emoji code*. New York: Picador.

FRASER, B. (1990) *Perspectives on Politeness*: Journal of Pragmatics.

Givón, Talmy. *Iconicity, isomorphism and non-arbitrary coding in syntax*. Iconicity in syntax (1985): 187-219

GOFFMAN, E. (2011) *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes.

GREEN, G. (1996). *Pragmatics and natural language understanding*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

HOLMES, J. (1990). *Apologies in New Zealand English*. Language in society. Vol. 19 (2), 155-199.

HOSSEIN, S; NIRROMAND, M. (2016). *Theories on Politeness By Focusing on Brown and Levinson's Politeness Theory*. Disponível em: <http://www.ijeionline.com/attachments/article/51/IJEI.Vol.3.No.2.03.pdf>. Acesso em : Nov. 2017.

KASPER, G.; ROSE, K. R. Pragmatics and SLA. *Annual review of Applied Linguistics*, n. 19, p. 81-104, 1999.

KRESS, G. (2010). *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. London and New York: Routledge.

LEVINSON, Stephen C. (2007). *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes.

LIMA VASCONCELOS, L.G. (2017). *A Pragmatic Analysis of Emojis on Instagram Posts*. FALE/ UFMG.

MACÊDO, C. M. M. (1999). *A reclamação e o pedido de desculpas: uma análise semântico- pragmática de cartas no contexto empresarial*. PUC-SP.

MEIER, A. J. (1995). *Passages of politeness*. Journal of Pragmatics 24: 382-392

MUSA, A. (2014). *Hedging In Academic Writing: A Pragmatic Analysis Of English And Chemistry Masters' Theses In A Ghanaian University*. English for Specific Purposes 42: 1-26.

OLIVEIRA, M. L. S. (2008). *A ironia como produção de humor e crítica social: uma análise pragmática das tiras de Mafalda*. Vitória: Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo.

OLIVEIRA, A. L. A. M; CUNHA, G. X. ; Miranda, M. V. (2017). *Nominalizations as complex strategies of politeness and face-work in scientific papers written in Brazilian Portuguese*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 59, p. 361, 2017

PAIVA, V. M. (2016). *A linguagem dos emojis*. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8647400>. Acesso em: Nov. 2017.

RICHARD. J. C ; SCHIMIDT, R.(1985). *Dictionary of language teaching & applied linguistics*. Longman: Pearson Education.

SADEGHOGHLI, H; NIROOMAND, M. (2016). *Theories on Politeness by Focusing On Brown and Levinson's Politeness Theory*. In: International Journal of Educational Investigations,v. 3, n. 2: 26-39. Disponível em:  
<http://www.ijeionline.com/attachments/article/51/IJEI.Vol.3.No.2.03.pdf>. Acesso em: Nov. 2017.

SEARLE, J. (1979). *Speech acts: An essay in the philosophy of language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.  
Disponível em:[https://www.researchgate.net/publication/242430862\\_Speech\\_Acts\\_An\\_Essay\\_in\\_the\\_Philosophy\\_of\\_Language?el=1\\_x\\_8&enrichId=rgreq-423857655bd65440fc37aba1ec3ee793XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzIzMDIzNDgwOTtBUzoxMDE4MzQ5OTU3OTgwMjNAMTQwMTI5MDc2MzI5OQ](https://www.researchgate.net/publication/242430862_Speech_Acts_An_Essay_in_the_Philosophy_of_Language?el=1_x_8&enrichId=rgreq-423857655bd65440fc37aba1ec3ee793XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzIzMDIzNDgwOTtBUzoxMDE4MzQ5OTU3OTgwMjNAMTQwMTI5MDc2MzI5OQ). Acesso em : Dez. 2017.

SCOLLON, R.; SCOLLON, S. W. (1995). *Intercultural communication: A discourse approach*. Oxford: Blackwell.

SCOTT, Kate. (2015). *The pragmatics of hashtags: Inference and conversational style on Twitter*. Journal of Pragmatics 81 8-20.

SIGNIFICADOS. *Significado de Whatsapp*. Disponível em:  
<https://www.significados.com.br/whatsapp/>. Acesso em: Jun. 2016.

STALNAKER, Robert. Pragmática. (1982) In: DASCAL, Marcelo (org). *Fundamentos Metodológicos da Linguística (vol IV):Pragmática -Problemas, críticas, Perspectivas da Linguística*. Campinas: UNICAMP.

TECHTUDO. *Entenda a diferença entre smiley, emoticon e emoji*. Disponível em:<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/07/entenda-diferenca-entre-smiley-emoticon-e-emoji.html>. Acesso em: Jun. 2016.

WATTS, Richard J.(2003). *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

WILSON, Deirdre. (2012). *Meaning and Relevance*. Cambridge University Press, Cambridge.

YOUTUBE. *Emoji- Oxford Dictionaries Word of the Year 2015*. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=Pe1rSI7gfSI>. Acesso em: Jun. 2016.

## ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado (a) *As implicações dos emojis na linguagem digital*, conduzida por Fernanda Teixeira Avelar em conjunto com Ana Larissa Adorno Marciotto. Este estudo tem por objetivo investigar o potencial pragmático- discursivo desses emojis e levantar a seguinte indagação: qual a função dos emojis no contexto da CD? Como eles contribuem para mitigar ou intensificar a força ilocucionária dos atos de fala aos quais se ligam? Indagação que parte da ideia apresentada por Dresner; Herring (2010) de que os *emojis* funcionam não só como elementos atrelados à emoções, como também são capazes de expressar um tipo de intenção ao deferir algo durante a CD.

Você foi selecionado(a) por ser participante de um grupo ativo de *Whatsapp*, no qual *emojis* eram frequentemente usados com espontaneidade. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Essa pesquisa não é remunerada e não acarretará despesas para os participantes. Não há nenhum tipo de risco para os participantes.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder ao pesquisador o direito de utilizar as interações como fonte de dados, em um período de 6 meses (maio/2016 a outubro 2016. Dessa maneira, o primeiro passo para a coleta de dados será pedir permissão aos interactantes de um grupo de amigos de *Whatsapp*, para que as interações sejam fonte de dados para a pesquisa. O segundo passo será extrair recortes da interação dentro. Em seguida, os *threads* da interação serão contados manualmente e os *emojis* também. Os *threads* que contenham *emojis* serão analisados e classificados com base nas duas seguintes macro-categorias, de acordo com o grau de intencionalidade que o interactante usa ao digitar os símbolos: mitigadores ou intensificadores do ato ilocucionário, ou basicamente expressões de emoção. Além disso, dentro da primeira macro-categoria, os *emojis* dos diálogos serão subclassificados em tipos de intenção, como por exemplo, dar uma notícia, lamentar algo ou ironizar.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. Nomes e números de telefone não serão divulgados.

O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, selecione a opção “Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e

- Concordo em participar.
- Não concordo em participar

Contatos do pesquisador responsável:

Fernanda Teixeira Avelar

Professora

[fe2509@hotmail.com/nanda2509@gmail.com](mailto:fe2509@hotmail.com/nanda2509@gmail.com)

(31) 988323308

Av. Nilo Aparecida Pinto, 46, Planalto

As respostas não podem ser editadas

## Termo de consentimento livre e esclarecido

Endereço de e-mail \*

h@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e...

- Concordo em participar
- Não concordo em participar

As respostas não podem ser editadas

## Termo de consentimento livre e esclarecido

Endereço de e-mail \*

p@hotmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e...

- Concordo em participar
- Não concordo em participar

As respostas não podem ser editadas

## Termo de consentimento livre e esclarecido

Endereço de e-mail \*

si@hotmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e...

- Concordo em participar
- Não concordo em participar

As respostas não podem ser editadas

## Termo de consentimento livre e esclarecido

Endereço de e-mail \*

a@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e...

- Concordo em participar
- Não concordo em participar

As respostas não podem ser editadas

## Termo de consentimento livre e esclarecido

Endereço de e-mail \*

.....  
h@hotmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e...

- Concordo em participar
- Não concordo em participar

As respostas não podem ser editadas

## Termo de consentimento livre e esclarecido

Endereço de e-mail \*

.....s@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e...

- Concordo em participar
- Não concordo em participar

As respostas não podem ser editadas

## Termo de consentimento livre e esclarecido

Endereço de e-mail \*

hi@hotmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e...

- Concordo em participar
- Não concordo em participar

As respostas não podem ser editadas

## Termo de consentimento livre e esclarecido

Endereço de e-mail \*

k@yahoo.com.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e...

- Concordo em participar
- Não concordo em participar

As respostas não podem ser editadas

## Termo de consentimento livre e esclarecido

Endereço de e-mail \*

p@yahoo.com.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e...

- Concordo em participar
- Não concordo em participar

As respostas não podem ser editadas

## Termo de consentimento livre e esclarecido

Endereço de e-mail \*

9@hotmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e...

- Concordo em participar
- Não concordo em participar

PERGUNTAS

RESPOSTAS

10

## 10 respostas



RESUMO

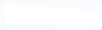

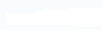
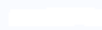

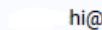


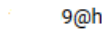
INDIVIDUAL

Aceitando respostas



## Quem respondeu?

Enviar por e-mail

 h@gmail.com p@hotmail.com si@hotmail.com a@gmail.com h@hotmail.com s@gmail.com hi@hotmail.com p@yahoo.com.br k@yahoo.com.br 9@hotmail.com